



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
PORTUGUESA

CONJUGALIDADE, FAMÍLIA E BEM-ESTAR: DIFERENÇAS
ENTRE QUEM PARTICIPA EM GRUPOS CATÓLICOS EM
CASAL E QUEM NÃO PARTICIPA

Dissertação apresentada à Universidade Católica
Portuguesa para obtenção do grau de mestre em
Psicologia do Bem-Estar e Promoção da Saúde

Por

Leonor Cagido de Sousa de Nápoles

Faculdade de Ciências Humanas

Setembro de 2022



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
PORTUGUESA

CONJUGALIDADE, FAMÍLIA E BEM-ESTAR: DIFERENÇAS ENTRE
QUEM PARTICIPA EM GRUPOS CATÓLICOS EM CASAL E QUEM
NÃO PARTICIPA

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de mestre em Psicologia do Bem-Estar e
Promoção da Saúde

Por

Leonor Cagido de Sousa de Nápoles

Faculdade de Ciências Humanas

Sob orientação de Professora Doutora Susana Costa-Ramalho

Setembro de 2022

Agradecimentos

Agradeço à Faculdade de Ciências Humanas, que me acolhe desde o primeiro ano da licenciatura e onde pude ser feliz, aprender e crescer, a nível académico, moral e social.

Em especial, os meus agradecimentos à Professora Doutora Rita Francisco, pela confiança e acompanhamento de forma mais próxima agora no mestrado.

Agradeço à Professora Doutora Susana Costa-Ramalho pelo interesse e entusiasmo desde o início demonstrados sobre o aprofundamento do tema em estudo. Agradeço a confiança, em mim e no meu trabalho, o incansável acompanhamento, motivação e enorme profissionalismo, que levarei sempre como exemplo pessoal e profissional.

Obrigada por toda a aprendizagem ao longo dos cinco anos.

Agradeço a cada um dos participantes da minha investigação pelo exemplo de generosidade transmitida através do tempo e testemunho disponibilizado, sem os quais este estudo não seria possível.

Agradeço aos meus amigos, pela enorme curiosidade e interesse na minha tese, demonstrados ao longo de todo o percurso. Agradeço aos meus colegas de curso, em especial à Leonor e ao Tomás pela amizade e partilha ao longo destes anos, que proporcionaram leveza e alegria à minha experiência de mestrado.

Agradeço ao Pedro, por estar ao meu lado sempre, a aconselhar-me, apoiar-me e partilhar comigo todas as dificuldades e conquistas desde o primeiro dia do meu percurso académico. Obrigada por me inspirares a ser sempre mais e melhor.

Por último, agradeço à minha família, avós, pais e irmãos. Em especial à minha Mãe, por me ensinar a sonhar; e ao meu Pai, por me ensinar a manter os pés assentes na terra.

Agradeço aos dois, por me proporcionarem a melhor educação e me transmitirem os valores que constituem a pessoa que sou e que levarei comigo, sempre.

Agradeço-te a Ti, pelo dom da fé e vontade em partilhá-la, sem a qual este estudo não existiria e eu não seria quem sou hoje.

O meu Obrigada a todos!

“A fé não tem medo da razão; pelo contrário, procura-a e tem confiança nela, porque «a luz da razão e a luz da fé provêm ambas de Deus», e não se podem contradizer entre si.”

(Papa Francisco, 2013)

Resumo

A relação entre a conjugalidade, o bem-estar e a experiência familiar está claramente definida na literatura científica, onde é também considerada a influência da religião sobre cada uma destas. A presente dissertação pretendeu explorar diferenças dos participantes de grupos católicos em casal nestes três domínios, nomeadamente nas dimensões bem-estar individual, satisfação conjugal, generatividade conjugal e perceção da experiência familiar. Para o efeito, foram comparados três grupos de indivíduos, agrupados conforme as crenças e práticas religiosas. A realização de atividades em casal, dentro ou fora do âmbito religioso, foi também considerada numa análise de comparação entre grupos posterior. Com vista a ser respondidos os objetivos propostos, o estudo seguiu uma metodologia não-experimental, transversal, entre sujeitos, segundo uma abordagem mista. Os dados foram recolhidos em momentos distintos, iniciando-se com a recolha dos dados quantitativos, por meio da aplicação de um protocolo de investigação de autorresposta, considerando-se uma amostra de 379 indivíduos. A recolha de dados qualitativos foi realizada através de uma entrevista individual semiestruturada, apresentando uma amostra de 10 participantes. Os resultados revelam uma relação entre a participação conjugal num grupo católico as variáveis em estudo, sobressaindo-se a relação com a satisfação e generatividade conjugal. Estes indivíduos apresentam valores superiores de satisfação conjugal, que parecem ser resultantes de diferentes processos, tais como o cuidado matrimonial e intimidade que demonstram e a perceção de semelhanças com outros casais. A generatividade, fortemente presente nestes indivíduos, revela-se, por exemplo, na forma como se envolvem noutras atividades e pretendem dar e receber exemplo dos outros casais. Foram também reunidas as principais sugestões dos participantes para valores superiores de bem-estar individual e de uma perceção da experiência familiar de maior proximidade, tratando-se das dimensões em estudo com resultados inferiores. Por fim, consideraram-se as implicações práticas dos resultados obtidos, as limitações do estudo e sugestões para futuras pesquisas.

Palavras-chave: satisfação conjugal, generatividade conjugal, bem-estar, experiência familiar, grupos católicos

Abstract

The relationship between conjugality, well-being and family experience is clearly defined in the scientific literature, where the influence of religion on each of these is also considered. The thesis presented aimed at exploring differences of participants in Catholic couple groups in these three domains, particularly, in the dimensions of individual well-being, marital satisfaction, marital generativity and perceived family experience. For this purpose, three groups of individuals, grouped according to religious beliefs and practices, were compared. The participation in activities as a couple, within or outside the religious environment, was also considered in a subsequent comparison analysis between groups. In order to meet the proposed objectives, the study followed a non-experimental, cross-sectional, between-subjects methodology, according to a mixed approach. Data was collected at different moments, starting with the collection of quantitative data, through the application of a self-report research protocol, considering a sample of 379 individuals. Qualitative data collection was performed through an individual semi-structured interview, featuring a sample of 10 participants. The results revealed a relationship between the marital participation in a Catholic group and the variables under study, highlighting the relation with marital satisfaction and generativity. These individuals show higher values of marital satisfaction, which seem to result from different processes, such as the marital care, the intimacy they show and the perception of similarities with other couples. Generativity, strongly present in these individuals, is revealed, for example, in the way they get involved in other activities and wish to give and receive example from other couples. We also gathered the participants' main suggestions for higher values of individual well-being and a perceived family experience of greater closeness, which were the dimensions under study with lower results. Finally, the practical implications of the results obtained, the limitations of the study and suggestions for future research were considered.

Key-words: marital satisfaction, couple generativity, wellbeing; family experience, catholic groups

Índice

Introdução	11
Capítulo 1 - Contextualização e Enquadramento Teórico.....	12
1. Família enquanto estrutura central do desenvolvimento	12
3. Religiosidade, Satisfação conjugal e Bem-Estar	15
4. Grupos Católicos	18
5. Intimidade, Coesão, Continuidade e Transcendência.....	21
6. Generatividade conjugal	24
7. Pertinência do estudo e objetivos	25
Capítulo 2 - Metodologia.....	27
1. Desenho de Investigação	27
2. Questão de investigação, objetivos gerais e específicos e mapa conceptual.....	27
Parte I - Estudo Quantitativo	29
1. Participantes.....	29
2. Instrumentos	Erro! Marcador não definido.
3. Procedimentos	32
4. Análise de dados.....	32
5. Resultados.....	34
Parte II - Estudo Qualitativo	40
1. Participantes.....	40
2. Instrumentos	41
3. Procedimentos	42
4. Análise de dados.....	42
5. Resultados.....	44
Capítulo 3 - Discussão dos resultados	51
7. Contributos e implicações práticas	57
8. Limitações	58

9. Direções para futuras investigações	59
Conclusão	60
Referências	62
Apêndices.....	72
Apêndice A. Protocolo de investigação do estudo quantitativo.....	73
Apêndice B. Guião da entrevista.....	95
Apêndice C. Consentimento informado para a recolha de dados qualitativos.....	99
Apêndice D. Árvore Categorial Final	100

Índice de Figuras

Figura 1. Mapa conceptual 28

Índice de Tabelas

Tabela 1. Caracterização da amostra	29
Tabela 2. Correlações entre as dimensões em estudo.....	34
Tabela 3. Comparação do bem-estar individual entre os três grupos.....	34
Tabela 4. Comparação da satisfação conjugal entre os três grupos.....	35
Tabela 5. Comparação da generatividade conjugal entre os três grupos.....	35
Tabela 6. Comparação da proximidade familiar entre os três grupos	36
Tabela 7. Comparação da projeção familiar entre os três grupos.....	36
Tabela 8. Comparação do bem-estar individual entre os quatro grupos	37
Tabela 9. Comparação da satisfação conjugal entre os quatro grupos	37
Tabela 10. Comparação da generatividade conjugal entre os quatro grupos	38
Tabela 11. Comparação da proximidade familiar entre os quatro grupos.....	38
Tabela 12. Comparação da projeção familiar entre os quatro grupos	39
Tabela 13. Caracterização dos grupos católicos.....	40

Introdução

A família revela-se um espaço privilegiado para o desenvolvimento e aprendizagem de dimensões significativas da interação e vivência de relações afetivas profundas, as quais demonstram um importante papel na formação de identidade da própria pessoa (Alarcão, 2002), influenciada por diversas variáveis. A satisfação conjugal – enquanto experiência percebida pelo par amoroso que constitui a base da família – revela-se uma das principais relações determinantes do funcionamento familiar, demonstrando influência sobre o fortalecimento do vínculo emocional entre os membros de uma família e a flexibilidade da mesma para se adaptar e alterar de acordo com as exigências contextuais e do desenvolvimento, tornando-se ainda um preditor da coesão familiar (Froyen et al., 2013; Pedro et al., 2015; Santos et al., 2017).

Compreende-se a importância de se identificarem os fatores mais influentes da satisfação conjugal, alvo de diferentes estudos, tendo estes contribuído para a construção de programas de educação conjugal, onde são trabalhados conhecimentos, atitudes e competências relacionais, com o objetivo de que os casais mantenham uma relação saudável e mutuamente satisfatória, bem como de reduzir a frequência de problemas conjugais e separações (Halford et al., 2003). Contudo, não se encontram, até à data, estudos publicados sobre implementação de programas de educação conjugal em Portugal, observando-se que as ofertas da Igreja Católica neste domínio, embora não se encontrando empiricamente validadas, surgem como uma resposta para os casais que pretendam investir deste modo particular na relação conjugal.

A presente dissertação, apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do grau de mestre em Psicologia do Bem-Estar e Promoção da Saúde, revela-se pioneira nesta área, propondo-se a compreender possíveis relações entre a participação nos programas conjugais oferecidos pela Igreja Católica e a satisfação conjugal, experiência familiar e bem-estar dos indivíduos. A dissertação encontra-se estruturada em três capítulos: (i) neste primeiro capítulo, é disponibilizada a contextualização e enquadramento teórico da investigação, realizados sobre uma revisão da literatura relevante; (ii) o segundo capítulo, dividido em duas partes, destina-se à apresentação da metodologia do estudo, iniciando-se com a descrição do desenho da investigação, a questão de partida, os objetivos gerais e específicos, e terminando com a descrição detalhada dos dois estudos realizados, quantitativo e qualitativo. Na primeira parte é apresentado o estudo quantitativo e, na segunda parte, o estudo qualitativo, seguindo-se a ordem sobre a qual foram realizados. Em cada um dos estudos, encontram-se descritos

os instrumentos utilizados, os procedimentos realizados sobre a análise dos dados e os resultados obtidos; (iii) no terceiro e último capítulo encontra-se a discussão da investigação, onde são interpretados os resultados de ambos os estudos, à luz da literatura existente. São também retiradas as principais implicações teóricas e práticas dos resultados obtidos, analisadas as principais limitações da investigação e fornecidas sugestões para futuros estudos. Ainda neste último capítulo, é apresentada a conclusão, onde se pretende sintetizar os principais contributos oferecidos pela investigação realizada.

Capítulo 1 - Contextualização e Enquadramento Teórico

1. Família enquanto estrutura central do desenvolvimento

A família pode ser considerada o grupo institucional mais importante de uma sociedade. É nela que o indivíduo nasce, cresce e morre, tornando-se:

Um espaço privilegiado para a elaboração e aprendizagem de dimensões significativas da interação: os contactos corporais, a linguagem, a comunicação, as relações interpessoais. É ainda, o espaço de vivência de relações afetivas profundas: a filiação, a fraternidade, o amor, a sexualidade... (Alarcão, 2002, p. 38).

Estas relações revelam um carácter imprescindível para a formação de identidade da própria pessoa (Alarcão, 2002).

Contudo, da mesma forma que a família se torna um contexto privilegiado para o desenvolvimento saudável de um indivíduo, o contrário também pode suceder. A estabilidade e o conflito nas relações familiares são ambas variáveis de grande influência sobre o desenvolvimento e grau de bem-estar dos seus intervenientes, desde o casal às crianças suas descendentes (Benson, 2005; Fosco et al., 2012; Kerig, 1995).

Uma das variáveis com influência sobre o funcionamento familiar é a relação conjugal, sendo que um casamento feliz está associado a um melhor funcionamento familiar (Pedro et al., 2015). A satisfação conjugal evidencia-se em múltiplos estudos como preditora da coesão familiar, fortalecendo o vínculo emocional entre os membros duma família e favorecendo a flexibilidade da mesma para se adaptar e alterar de acordo com as exigências contextuais e do desenvolvimento (Froyen et al., 2013; Pedro et al., 2012, 2015; Santos et al., 2017). Deste modo, torna-se fundamental a promoção de relações conjugais saudáveis, tendo estas influência não apenas sobre o bem-estar de cada

um dos membros do casal (Kasalova et al., 2017; Wilson & Oswald, 2005), como de toda a família (Dickstein et al., 2009; Lui et al., 2020; Wilcox, 2005).

Vários estudos surgem no sentido de identificar e compreender os fatores mais relevantes da satisfação conjugal, bem como de uma relação conjugal saudável e duradoura (Bradbury et al., 2000; Kazim & Rafique, 2021; Tavakol et al., 2017). A religiosidade, a auto-compaixão, o bem-estar individual, o perdão, a comunicação e intimidade, a intencionalidade sobre o compromisso, a realização de atividades conjuntas, o sacrifício e a inteligência emocional são alguns dos fatores identificados pela literatura científica, considerados influentes sobre a satisfação conjugal (Agu & Nwankwo, 2019; du Plooy & de Beer, 2018; Fahimdanesh et al., 2020; Kazim & Rafique, 2021; Oginyi et al., 2015; Tavakol et al., 2017). A identificação destes determinantes tem contribuído para a construção de programas de educação conjugal, onde são trabalhados conhecimentos, atitudes e competências relacionais, com o objetivo de que os casais mantenham uma relação saudável e mutuamente satisfatória, bem como de reduzir a frequência de problemas conjugais e separações (Halford et al., 2003).

2. Programas de Educação Conjugal

Os programas de educação conjugal foram primeiramente desenvolvidos por celebrantes religiosos, no formato de aconselhamento ao casal, sendo que, por volta do ano de 1950, a Igreja Católica estruturou programas de educação conjugal em formato de grupos, para casais casados (Hunt et al., 1998 *cit in* Halford et al., 2003). No início deste século, identificava-se já uma vasta diversidade de programas de educação conjugal (Berger & Hannah, 1998, *cit in* Halford et al., 2003) empiricamente validados, orientados e desenvolvidos por profissionais, em que se mantém o principal objetivo de promover níveis de satisfação conjugal elevados e duradouros. Estes programas têm como base uma união de quatro diferentes componentes (consciência, *feedback*, mudança e formação de competências), sendo o treino de competências comunicacionais a estratégia considerada pelos participantes enquanto a mais útil (Halford et al., 2003), demonstrando resultados ao nível da comunicação e da satisfação conjugal (Halford et al., 2010; Williamson et al., 2016).

O “Marriage Course”, criado no Reino Unido, em 1996, pelo casal Nicky e Sila Lee, é exemplo de um programa de educação conjugal amplamente disseminado, mas neste caso não construído com base em evidências científicas. Este curso tornou-se dominante no Reino Unido, sendo atualmente realizado em 76 países do mundo e tendo

alcançado cerca de 95.000 casais (Lee & Lee, 2009). O curso consiste em sete sessões e tem por base princípios cristãos, embora no domínio prático seja também acessível a todos os que não apresentam crenças ou formação religiosa. Nas sessões são abordados vários tópicos, designadamente: (i) a importância do tempo em casal e identificação das necessidades emocionais do outro; (ii) as dificuldades e ajudas a uma comunicação eficaz; (iii) e a importância e o poder do perdão. Entre os casais participantes destacam-se objetivos bastante diferentes entre si, sendo que alguns procuram o programa como uma última solução antes de uma possível separação, outros, já separados, como uma ferramenta para voltarem a reunir-se e, ainda outros como uma aprendizagem de competências para futuras situações de crise que possam surgir, sendo que todos estes relatam que o programa foi essencial para uma conjugalidade mais positiva e para uma maior satisfação conjugal (Lee & Lee, 2009).

Como exemplo de programas de educação conjugal com base em evidências científicas, destaca-se o currículo do Programa de Prevenção e Educação Conjugal (PREP). O PREP, desenvolvido por Markman, Stanley e Rhoades, com a primeira edição em 1990, trata-se de um conjunto de programas cujo objetivo é promover o sucesso do casamento através da educação sobre diversas competências conjugais, nomeadamente, ao nível da comunicação, gestão de conflitos, amizade, compromisso e gestão de expectativas. Um dos currículos oferecidos por este programa é o PREP 8.0, sendo esta a versão mais recente oferecida aos casais. O PREP é atualmente utilizado em vários países do mundo e em diferentes contextos, nomeadamente em serviços comunitários, programas governamentais e instituições religiosas (Markman & Stanley, 2015), não estando ainda disponível em Portugal.

Não se encontram, até à data, estudos publicados sobre implementação de programas de educação conjugal em Portugal, pelo que as ofertas da Igreja Católica neste domínio, embora não se encontrando empiricamente validadas, surgem como uma opção semelhante – com os mesmos objetivos - para os casais que pretendam investir na relação conjugal. Estas opções são maioritariamente apresentadas no formato de grupos e com o objetivo de serem contínuas no tempo ou num determinado período do ciclo de vida familiar. Entre eles, é possível destacar como exemplo os Cursos de Preparação para o Matrimónio (CPM), sendo estes direcionados à fase do noivado; as Equipas de Nossa Senhora (ENS), presentes em vários países do mundo e cujo objetivo se foca em acompanhar o casal ao longo das diferentes etapas que têm início no casamento; O Arco,

do Movimento de Schoenstatt; e, ainda, outros grupos criados por e em cada unidade paroquial.

3. Religiosidade, Bem-Estar e Satisfação conjugal

De forma a compreender como a participação conjugal em grupos católicos se pode relacionar com o bem-estar individual e a com a satisfação conjugal, torna-se importante analisar a literatura existente sobre a relação entre as três variáveis. Considerado a lacuna científica no âmbito das propostas da igreja neste âmbito, considerar-se-á a relação com o conceito de religiosidade.

Enquanto conceito, a religião remete para uma relação com o Divino, envolvendo crenças, práticas e rituais relacionados com o sagrado e podendo também incluir crenças sobre espíritos bons (anjos) e maus (demónios). A religião pode ser praticada em comunidade ou de forma individual e privada, sendo que surge sempre de uma tradição estabelecida por uma comunidade com crenças comuns (Koenig et al., 2012). A religiosidade, porém, revela-se um conceito complexo, de difícil acordo entre a literatura. Tal pode ser explicado pelos vários termos que apresenta como seus sinónimos na língua inglesa (e.g. fé, devoção, santidade) e ao interesse que demonstra em ser estudada por diferentes disciplinas académicas (e.g. teologia, psicologia), cada uma com a própria visão sobre o conceito de religiosidade (Holdcroft, 2006). De acordo com Koenig e colegas (2012), a religiosidade diz respeito ao quanto um indivíduo acredita, segue e pratica uma determinada religião e, de acordo com Glock e Stark (1965, *cit in* Holdcroft, 2006), considerados autores influentes no estudo da religiosidade, esta é composta por cinco dimensões: experiencial, focada na fé individual, na experiência e na transcendência; ritualística, envolvente da experiência em comunidade; ideológica, constituída pelo sustento em certas crenças; intelectual, remetente para o conhecimento sobre a própria fé e sagradas escrituras; e consequencial, sendo que o conhecimento é necessário para religiosidade.

No que respeita ao conceito de bem-estar, a *American Psychological Association* (APA, 2022) define-o enquanto um estado de felicidade e contentamento, experiência de baixos níveis de *distress*, boa saúde física e mental de forma geral, e/ou uma boa qualidade de vida. Também Seligman (2011) através do modelo PERMA, destaca as emoções positivas, o envolvimento, as relações positivas, o significado e as realizações como aspetos fundamentais para uma vivência de bem-estar e felicidade. Compreende-se que se trata de um construto relativo e dependente da avaliação pessoal de cada indivíduo,

referido por alguns autores como bem-estar subjetivo, uma vez que diz respeito à percepção afetiva e cognitiva que um indivíduo tem do próprio bem-estar, englobando componentes tais como a felicidade, a satisfação com a vida, o balanço hedônico, a realização e o *stress*. Assim, o bem-estar varia interpessoalmente e está subjacente à avaliação do indivíduo relativamente a diferentes fatores (Kim-Prieto et al., 2005).

Por último, a satisfação conjugal remete para uma avaliação positiva acerca do parceiro e da relação amorosa entre ambos, refletindo-se nas expressões afetivas, no compromisso com a relação, a lealdade ao parceiro, o respeito, romance, suporte e sensibilidade. Assim, compreende-se que uma baixa satisfação conjugal pode refletir tristeza, zanga, desrespeito, conflito e distanciamento (Antunes et al., 2021). Larson e Holman (1994), consideram que a análise da satisfação conjugal deve envolver uma perspectiva ecológica, na qual identificam três variáveis a contemplar: (i) o passado de um indivíduo, tal como a família de origem, e questões contextuais, como por exemplo a relação trabalho-família e o apoio instrumental entre os cônjuges; (ii) traços e comportamentos individuais, tais como a satisfação com a vida, a resiliência e o autoconhecimento; (iii) e processos de interação dentro do casal, ao nível afetivo, comportamental e cognitivo, como por exemplo, o compromisso no relacionamento e a comunicação entre os cônjuges (Antunes et al., 2021).

3.1. Religiosidade e Bem-estar

Vários estudos têm sido desenvolvidos no sentido de compreender a relação entre a religiosidade e o bem-estar (Koenig et al., 2012; Koenig, 2012; Lucchetti & Lucchetti, 2014; Peres et al., 2018; van Cappellen et al., 2016). A mais extensa revisão de literatura sobre a relação entre a religiosidade e a felicidade, realizada por Koenig (2012), contou com um total de 1200 pesquisas, em que a maioria conclui um efeito positivo da religiosidade sobre a felicidade, a saúde e paz mental dos indivíduos (Abdel-Khalek, 2020). Koenig (2012), defende que esta relação acontece em dois sentidos: de forma direta, por exemplo, através das crenças e práticas que aumentam a felicidade; e/ou de forma indireta, através do efeito da religião sobre fatores psicológicos, sociais e ambientais que vão contribuir diretamente para um aumento da felicidade. Entre outros aspetos, o autor identifica a religião enquanto fator protetor do otimismo, da autoestima e da esperança.

Os resultados de uma análise de Peres e colegas (2018), revelam a existência de uma associação significativa entre a religiosidade e altos níveis de significado e sentimentos de paz, sendo estas dimensões de enorme importância na vida dos indivíduos

por se revelarem uma ferramenta na superação de dificuldades, promovendo assim o bem-estar e a qualidade de vida. A paz também é mencionada num estudo de van Cappellen e colaboradores (2016), juntamente com a admiração, gratidão e amor, como sendo emoções positivas auto-transcendentes que explicam parte da relação entre religião e bem-estar. Os autores referem ainda a diversão e o orgulho, enquanto duas emoções positivas associadas à acumulação e repetição de experiências religiosas. Para além das emoções, é possível destacar outros processos da relação entre religiosidade e bem-estar, tais como o significado atribuído à vida, sendo encontrada na religião uma explicação sobre o mundo e a existência no mesmo; o coping, semelhante às estratégias de coping positivas de forma geral, as estratégias de *coping* positivas advindas da religiosidade favorecem o acesso a um maior bem-estar; e o suporte social advindo das relações fortes e próximas desenvolvidas no contexto das práticas religiosas (e.g. frequência à Igreja, participação numa congregação religiosa) (Kim-Prieto & Miller, 2018).

A relação entre religiosidade e saúde tem sido foco de estudo por diferentes autores (Lucchetti & Lucchetti, 2014). Compreende-se que, segundo Koenig (2012), indivíduos com maiores níveis de religiosidade e espiritualidade apresentam uma melhor saúde mental e uma adaptação mais rápida a problemas de saúde, refletindo-se num maior bem-estar individual. Estes benefícios revelam ainda uma associação a resultados fisiológicos com impacto sobre a saúde física, o risco de doença e a resposta a tratamentos (Koenig, 2012).

3.2. Religiosidade e satisfação conjugal

As crenças e práticas religiosas têm vindo a ser associadas a um aumento da confiança entre os membros do casal, níveis mais elevados de bem-estar conjugal geral, uma maior satisfação conjugal e um casamento mais coeso, equilibrado e saudável, com influência sobre o bem-estar físico e psicológico de todos os membros da família (Csilla & Martos, 2019; King et al., 2020; Lambert et al., 2012; Parise et al., 2017; Samani, 2015). No que respeita às crenças, sobressai a perceção de que a presença de Deus poderá ajudar o casal a resolver qualquer conflito, associada a um sentimento de otimismo perante o futuro da sua relação por se tratar de um sacramento e, por isso, ser entendido como inabalável (Rauer & Volling, 2015). Entre comportamentos e características protetoras advindas das crenças e práticas religiosas, destaca-se o tempo passado em casal, a prática de atividades conjuntas, o romantismo, a gentileza, a paciência, a empatia, a prioridade dada à relação, a capacidade de resolução de conflitos e níveis inferiores de raiva e de comportamentos que magoem emocionalmente o cônjuge (Jorgensen et al.,

2016; King et al., 2020; Marsh & Dallos, 2000; Rauer & Volling, 2015). Parise e colegas (2017), defendem ainda que, quando comparados a casais com baixos níveis de envolvimento religioso, os casais com níveis superiores deste envolvimento demonstram uma maior qualidade conjugal devido à constante revelação do seu mundo interior, fundamental para a manutenção da relação (Bertoni & Bodenmann, 2010).

O suporte social advindo do envolvimento conjunto em práticas religiosas também revela ser uma fonte de apoio para o casal, tornando-se uma ajuda ao nível da redução e superação de adversidades e comportamentos divisivos, tais como o conflito, a infidelidade e o divórcio (Kelley et al., 2020; King et al., 2020; Marsh & Dallos, 2000; Rauer & Volling, 2015; Taylor & Chatters, 1988).

3.3. Satisfação Conjugal e Bem-Estar

A relação entre a satisfação conjugal e o bem-estar está claramente estabelecida na literatura científica, tornando possível a compreensão sobre o efeito protetor da satisfação conjugal e de um casamento saudável para a saúde e bem-estar físico e psicológico de ambos os cônjuges (Carr & Springer, 2010; Coleman et al., 2013; Robles et al., 2014). A qualidade conjugal revela uma forte associação com a avaliação que um indivíduo faz da própria vida como um todo, bem como sobre as experiências de felicidade momentânea e a realização de atividades diárias (Carr et al., 2014). Uma meta-análise de Proulx e colaboradores (2007), conclui que a satisfação conjugal está positivamente associada ao bem-estar individual, simultaneamente e ao longo do tempo, sendo que níveis mais altos da primeira se refletem em níveis mais altos da segunda. Contudo, o contrário também se verifica, sendo que níveis inferiores de satisfação conjugal se revelam um fator de risco para o desenvolvimento de problemas de saúde física e mental, destacando-se as doenças cardiovasculares, a incidência de úlceras, perturbações depressivas e de ansiedade (Coleman et al., 2013; Kasalova et al., 2017; Robles et al., 2014).

4. Grupos Católicos

Como anteriormente referido, a Igreja Católica disponibiliza várias oportunidades para o aprofundamento e acompanhamento da relação conjugal. De seguida, dar-se-á como exemplo as Equipas de Nossa Senhora (ENS).

As ENS tiveram origem em 1938, na Paroquia de Notre-Dame, em Paris. Inicialmente formou-se um pequeno grupo de quatro casais amigos que, com o apoio do Padre Henri Caffarel, pretendiam ser guiados na vivência do seu amor à luz da Fé.

Atualmente este é um movimento presente em vários países de todo o mundo, pretendendo ser uma escola de formação para os casais unidos pelo casamento (Caffarel, 2009; ENS, 2007) Em Portugal, o movimento existe há cerca de 60 anos e marca presença em diferentes regiões do continente e das regiões autónomas da Madeira e dos Açores, concretizando um total de 1.291 equipas e 15.095 membros, em dezembro de 2017 (ENS, 2021)

4.1. Conteúdos e Formato

Cada Equipa de Nossa Senhora é constituída por entre cinco a sete casais e um sacerdote, designado por Conselheiro Espiritual. Mensalmente, realiza-se uma reunião que visa um encontro de oração, partilha e estudo de um tema de formação cristã (ENS, 2007).

Cada reunião deve seguir um esquema definido de cinco momentos, iniciando-se com uma refeição em comum, seguindo-se um momento de oração conjunto que abre o momento de partilha entre os casais, onde podem ser partilhadas felicidades, tristezas e preocupações da vida familiar, profissional e cívica de cada casal. O penúltimo momento diz respeito à discussão de um tema previamente pensado e trabalhado por um dos casais e, finalmente, é reforçado um conjunto de propostas práticas para cada casal, também chamado por “ponto de esforço”, que inclui – por exemplo - rezar diariamente com os filhos, praticar mensalmente o “dever de sentar” (ocasião para cada casal se dedicar a si próprio, dando relevo às suas maiores dificuldades e sucessos), estudar os temas em análise antes da reunião, entre outros (ENS, 2007).

Relativamente ao conteúdo, o tema mensal é comum a todas as equipas e encontra-se num caderno que orienta as reuniões ao longo do ano, tendo por base um tema anual. Exemplificando, o tema do ano de 2020 foi “Matrimónio – Sacramento de Missão”, o de 2019 “Casal Santo: Alegria para a Igreja. Testemunho para o Mundo”, o de 2018 “Reconciliação, Sinal de Amor”, o de 2017 “A Missão do Amor” e o de 2016 “Muros Não, Pontes Sim” (ENS, 2021) .

4.2. Público-alvo

O público-alvo das ENS são todos os casais que se encontrem casados pela Igreja Católica, que pretendam alimentar o seu amor conjugal e seguir um caminho de conversão à fé católica (ENS, 2007).

4.3. Evidência científica sobre a dinâmica conjugal e algumas das dimensões em estudo

Não se encontra literatura científica no âmbito da participação nas ENS. No entanto, é possível identificar diferentes estudos que integram dimensões comuns a estes grupos, como por exemplo, a prática de atividades em casal, dentro e fora da esfera religiosa, e religiosidade dos casais, onde se pretende compreender a relação destas com a satisfação e qualidade da relação conjugal (Bertoni et al., 2012; Costa-Ramalho et al., 2021; Hickman-Evans et al., 2018; Kazim & Rafique, 2021; King et al., 2020; Marsh & Dallos, 2000; Tavakol et al., 2017).

Primeiramente, importa salientar que a participação conjugal numa atividade, por si só, encontra-se associada a uma maior satisfação conjugal (Kazim & Rafique, 2021; Tavakol et al., 2017). A realização de atividades conjuntas proporciona momentos a dois, de comunicação verbal e/ou emocional (Tavakol et al., 2017), fomenta a construção da identidade do casal, através de criação de experiências e significados comuns e da formação de padrões relacionais importantes para o desenvolvimento e manutenção do casal, contribuindo, conseqüentemente, para o conhecimento do outro, uma comunicação eficaz e para a capacidade de resolução de conflitos (Hickman-Evans et al., 2018). Importa considerar que – de acordo com estudos prévios - a religiosidade e as atividades conjugais parecem revelar uma influência bidirecional, isto é, a religiosidade conjugal promove a realização de atividades conjuntas e vice-versa (King et al., 2020).

No que respeita à prática de atividades religiosas, um estudo de Marsh e Dallos (2000) evidencia que, em momentos de conflito, estas proporcionam aos indivíduos um espaço (e um tempo) onde se torna possível evitar a atuação imediata de instintos, promovendo o pensamento sobre os próprios comportamento e necessidades do seu cônjuge, analisando-se a própria responsabilidade e tentando-se compreender as causas de possíveis sentimentos de raiva. Tal permite ao casal conversar de forma mais amorosa e racional, onde são discutidos os problemas em conjunto.

Também um estudo de Fiese e Tomcho (2001) pretendeu compreender a relação entre práticas religiosas e a satisfação conjugal, avaliando, de forma mais concreta, a importância dos rituais religiosos na vida dos casais. Os autores realçam duas componentes importantes dos rituais, nomeadamente a rotina e o significado, referindo que o significado associado aos rituais realizados em família está relacionado com a satisfação conjugal. Os rituais têm o poder de afirmar as relações e conectarem os comportamentos e valores.

Apesar da lacuna bibliográfica no que concerne à participação conjugal em grupos católicos (GC), nomeadamente, com a relação que podem demonstrar com outras variáveis individuais, pessoais e familiares, encontra-se um corpo significativo de literatura científica dedicada à compreensão da relação entre as três variáveis definidas anteriormente: a religiosidade, o bem-estar e a satisfação conjugal. Considerando ainda a relação que a satisfação conjugal demonstra sobre o funcionamento familiar, considerámos relevante compreender como a participação conjugal nestes grupos se relaciona com a perceção da experiência familiar, sendo estas avaliadas através de uma análise às quatro categorias conceptuais propostas por Rebelo Pinto e Ribeiro (2016) e grau de generatividade (Bertoni et al., 2012; Costa-Ramalho et al., 2021), explicados de seguida.

5. Intimidade, Coesão, Continuidade e Transcendência

Com base numa vasta revisão da literatura, Rebelo Pinto e Ribeiro (2016) propõem um modelo assente em quatro categorias conceptuais que intitulam de “pilares invisíveis” da família, pelas quais se torna possível uma melhor compreensão da perceção pessoal sobre a experiência familiar, nomeadamente: a intimidade, a coesão, a continuidade e a transcendência. Apesar de se tratarem de conceitos abrangentes, considera-se que se expressam em cada família de forma singular e que, nos “níveis” adequados, favorecem uma vivência familiar positiva (Baptista & Teodoro, 2012 *cit in* Rebelo Pinto & Ribeiro, 2016).

5.1. Intimidade

Considerando os três elementos-chave definidos por Timmerman (1991) - proximidade emocional, confiança recíproca e abertura à comunicação, as autoras caracterizam a intimidade enquanto um património afetivo e social comum à família, sendo experienciada por cada um dos membros enquanto “algo de profundo, associado a situações de proximidade e segurança, aceitação e compreensão, partilha de sentimentos e pensamentos, num quadro de relações significativas de confiança e reciprocidade que simultaneamente a configuram e potenciam”, mas também experienciada como “fonte de tensão emocional ou de conflito, fonte de afastamento, indiferença ou rejeição.” (Rebelo Pinto & Ribeiro, 2016, p.183).

A intimidade tem demonstrado uma enorme importância na construção de identidade do ser humano, no seu desenvolvimento psicossocial ao longo da vida, na saúde mental e também na capacidade de expressão de sentimentos de felicidade

associados à qualidade de situações de intimidade (Rebelo Pinto & Ribeiro, 2016). A experiência de intimidade familiar tem também revelado estar associada a uma maior satisfação conjugal, conseqüente de uma comunicação efetiva de pensamentos e sentimentos e da aceitação e compreensão mútua percebida (Tavakol et al., 2017).

5.2. Coesão

As autoras analisam o *Circumplex Model of Marital & Family Systems* (Olson & Gorall, 2003), onde são identificadas duas principais componentes do conceito de coesão: os laços emocionais estabelecidos entre os membros da família e o grau de autonomia individual de cada membro face ao sistema familiar. Através de diferentes medidas (limites, laços emocionais, fronteiras e alianças entre os membros da família, partilha de momentos de lazer, de interesse, de amigos e organização de tempo e espaço), o modelo propõe uma avaliação da coesão na família segundo quatro principais diagnósticos: (i) um nível de coesão muito baixo (*disengaged/disconnected*); (ii) um nível de coesão baixo a moderado (*somewhat connected*); (iii) um nível de coesão moderado (*moderate*); (iv) e um nível de coesão entre o moderado a alto (*very connected*). Entre estes, os níveis que sugerem um maior equilíbrio entre as duas principais componentes da coesão são os intermédios, refletindo uma família que é capaz de suportar momentos de tensão enquanto preserva a identidade do sistema familiar e as diferenças individuais de cada membro. Por outro lado, famílias cuja avaliação da coesão indique um nível extremo, quer seja alto, quer seja baixo, estão mais propensas a situações disfuncionais, geradoras de desequilíbrios entre os membros e entre o sistema familiar como um todo (Rebelo Pinto & Ribeiro, 2016).

Como promotores da coesão familiar, diferentes autores destacam a religiosidade e a prática de atividades religiosas em família, nomeadamente por favorecerem o desenvolvimento de relações emocionais positivas (Agate et al., 2007; Barbera et al., 2020; Berc et al., 2017; Fiese & Tomcho, 2001). Outros autores, por exemplo Agate e colegas (2007) entendem que, quer a prática de atividades religiosas, quer a prática de outras atividades em família (e.g. refeições, prática de desporto), contribuem para o bom funcionamento familiar.

A coesão familiar tem demonstrado contribuir para níveis superiores de satisfação conjugal (Seo, 2020; Wijaya & Widyaningsih, 2021) e bem-estar individual entre os membros da família, refletindo-se numa maior satisfação com a vida e na experiência de emoções positivas no dia a dia (Crespo et al., 2011; Xiang et al., 2022).

5.3. Continuidade

Rebello Pinto e Ribeiro (2016) interpretam a continuidade enquanto a dimensão que assegura o futuro da família que, por si, já consiste num projeto com vista a atingir um futuro, podendo então ser considerada como “o futuro do futuro” da família.

De acordo com as autoras, a continuidade da família é assegurada pelas tarefas de desenvolvimento que surgem ao longo do ciclo de vida da mesma, podendo ser expressa no formato de estádios. Destaca-se o trabalho de Hill e Rodgers (1964, *cit in* Rebello Pinto & Ribeiro, 2016) como exemplo, onde são definidos cinco estádios do ciclo de vida da família, inerentes ao número de elementos e incluindo etapas desde a formação do casal até à saída dos filhos de casa, nomeadamente: (i) estádio jovem casal sem filhos; (ii) estádio expansivo (nascimento do primeiro filho); (iii) estádio estável (educação dos filhos); (iv) estádio de concentração (saída dos filhos de casa); (v) e estádio pós-parental (casal volta a viver sozinho). Cada etapa é influenciada e motivada pelas características individuais de cada membro da família e pela pressão e expectativa por parte da sociedade para a concretização de cada uma das respetivas tarefas (Rebello Pinto & Ribeiro, 2016).

A continuidade da família consiste num processo contínuo no tempo, envolvente de inúmeras experiências, emoções e sentimentos, com influência sobre a identidade do grupo e o bem-estar de cada um dos seus elementos (Rebello Pinto & Ribeiro, 2016).

5.4. Transcendência

Ao longo do ciclo de vida, a família experimenta em diferentes formas algo que está para além da própria existência enquanto agregado e entidade, refletindo-se em novas criações, a nível individual e relacional, que a transcendem e que podem verificar-se a nível biológico, social, emocional, social, religioso e espiritual. As autoras exemplificam o conceito de transcendência determinando que um casal é mais do que a soma das partes e um filho mais do que a união entre a genética do pai e da mãe (Rebello Pinto & Ribeiro, 2016).

Deste conceito surgem três dimensões: a dimensão geracional, a dimensão de mediação social e a dimensão de sacralização. A primeira diz respeito às relações entre pais e filhos, associadas a níveis intensos de emoção e compromisso que ultrapassam razões e limites temporais, materiais e afetivos. Esta dimensão inclui também a prosperidade enquanto prolongar da vida para além da morte, através de sentimentos e valores que constroem um legado afetivo e ético às gerações que ficam. A segunda dimensão remete para o âmbito social da família, ou seja, a criação de laços profundos com outras pessoas e grupos de fora do núcleo familiar, que se reflete na influência que

a família tem sobre os outros, por exemplo, ao nível dos valores, sentimentos e comportamentos da própria família que, por imitação ou transposição, atingem outros contextos. A última dimensão refere-se à importância dos ritos religiosos e celebrações familiares, independentemente de prática ou crença religiosa por parte da família, uma vez que muitos dos rituais culturais se tratam de rituais familiares ou de transição, sendo exemplo os casamentos, batizados e funerais, que têm em vista a criação de novos significados que vão transcender a família (Rebello Pinto & Ribeiro, 2016).

6. Generatividade conjugal

Enquanto conceito psicossocial, a generatividade remete para o desejo de criar e contribuir para o desenvolvimento de uma nova geração, bem como para a ideia de produtividade e criatividade pessoal (Erikson, 1968, 1982; Kotre, 1984; Kotre & Kotre, 1998; Snarey, 1998 *cit in* Cigoli & Scabini, 2006). A possibilidade de cada família tornar-se generativa nasce da diferença que a caracteriza, iniciando-se com a diferença de género entre os membros do casal e seguindo-se para as diferenças entre as gerações e a linhagem familiar. Por gerar conflito, a interação entre as diferenças exige capacidade de gestão do mesmo e, é nesse fim que surge a oportunidade para uma família ser generativa. O contrário também se verifica, o que permite a distinção entre uma família com a característica de ser generativa ou degenerativa (Cigoli & Scabini, 2006).

Em casal, a generatividade surge com a perceção individual de que a relação conjugal envolve elementos extra às fronteiras do casal. Assim, a generatividade conjugal refere-se a uma perspetiva social do funcionamento do casal, que reflete a capacidade do mesmo se transpor à sua perspetiva individual e tornar-se num recurso para a comunidade (Bertoni et al., 2012; Costa-Ramalho et al., 2021). Parise e colegas (2017) identificam uma relação entre a religiosidade e a generatividade conjugal, em que quanto mais envolvidos religiosamente o casal se encontra, mais capaz será para cuidar dos seus laços sociais. O mesmo estudo permitiu também identificar diferentes perspetivas entre os casais não praticantes nem participantes de forma ativa em associações religiosas e casais praticantes e ativamente envolvidos em associações religiosas, no que respeita à generatividade: enquanto para os primeiros a generatividade remete para o ter filhos (generatividade biológica), para os segundos tal engloba também todas as atividades que permitem ao casal transcender as próprias fronteiras, com o objetivo conjunto de melhorar o contexto social e comunitário onde se incluem, tornando-se assim um recurso para toda a sociedade (generatividade biológica e social). Para os casais com altos níveis de

envolvimento religioso, serem socialmente generativos é percebido enquanto fundamental para a manutenção da identidade conjugal e funcionamento positivo da relação (Parise et al., 2017).

Para além da religiosidade, outros fatores demonstram estar associados a altos níveis de generatividade dos casais, tais como o casamento, comparativamente à coabitação; a experiência de parentalidade; e o número de filhos, reforçando a procriação enquanto dimensão importante da generatividade (Costa-Ramalho et al., 2021).

No que respeita ao bem-estar individual e à satisfação conjugal, a generatividade conjugal tem vindo a ser identificada enquanto promotora de vitalidade, significado e satisfação entre casais casados a longo-termo (Costa-Ramalho et al., 2021; Zinck & Neel, 2020). Scabini (2016) refere ainda que um bem-estar generativo ocorre quando a generatividade familiar e social estão interligadas.

7. Pertinência do estudo e objetivos

As relações e a vivência familiar têm demonstrado uma forte influência sobre o desenvolvimento humano (Alarcão, 2002), sendo influenciadas por vários fatores, nomeadamente, a relação conjugal que dá início à nova família (Pedro et al., 2015). Com o objetivo de contribuir para relações conjugais saudáveis e satisfatórias, surgem programas de educação conjugal (Halford et al., 2003) disseminados em vários países do mundo, embora não em Portugal. Paralelamente, e presentes em Portugal, surgem as propostas de Grupos Católicos (GC), orientadas nomeadamente pela Igreja Católica. Como referido, observa-se uma lacuna na literatura no que diz respeito à relação entre a participação nestes grupos orientados pela Igreja, o bem-estar individual, a satisfação conjugal e a perceção da experiência familiar, pelo que o presente estudo se destaca enquanto pioneiro nesta área.

Assim, esta investigação tem como principal objetivo explorar e compreender possíveis diferenças a nível individual, conjugal e familiar apresentadas entre três grupos: (i) indivíduos não crentes em qualquer religião ou sem prática religiosa; (ii) indivíduos crentes e praticantes da religião católica, mas sem participação conjugal em GC; (iii) indivíduos crentes e praticantes da religião católica e participantes em GC em casal.

A opção pelo estudo dos três grupos surge após a revisão da literatura, indicadora de que as crenças e práticas religiosas se constituem fatores protetores da relação conjugal, promovendo níveis superiores de satisfação conjugal, um casamento coeso e

saudável e uma ferramenta na superação da adversidade (Kelley et al., 2020; King et al., 2020; Marsh & Dallos, 2000; Rauer & Volling, 2015).

Os resultados permitirão contribuir para este domínio de estudos, aprofundando-se ainda a compreensão sobre de que modo a participação conjugal em GC se constitui um fator promotor de relações conjugais saudáveis e positivas.

Capítulo 2 - Metodologia

1. Desenho de Investigação

Considerando os objetivos de investigação propostos, optou-se por um desenho de estudo não-experimental, transversal, entre sujeitos, segundo uma abordagem mista com design exploratório sequencial e conectado (Creswell, 2009). Os dados foram recolhidos em momentos distintos, tendo os dados de natureza quantitativa sido recolhidos numa primeira fase, entre os meses de outubro e novembro de 2021, e os dados de natureza qualitativa numa segunda fase, entre os meses de março e maio de 2022, após a análise dos dados primeiros dados recolhidos.

2. Questão de investigação, objetivos gerais e específicos e mapa conceptual

A presente investigação partiu da seguinte questão inicial: Conjugabilidade, Família e Bem-Estar: Que diferenças entre quem participa em grupos católicos em casal e quem não participa?

A partir desta questão, surge como objetivo geral a comparação de três grupos de participantes ao nível do bem-estar individual, da satisfação e generatividade conjugal e da perceção da experiência familiar, nomeadamente:

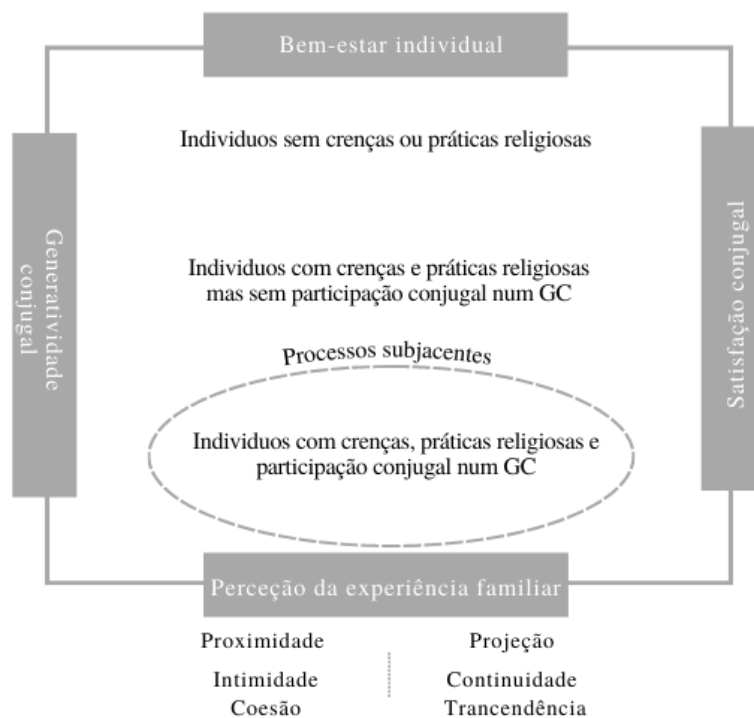
- (i) Indivíduos não crentes em nenhuma religião ou crentes sem prática religiosa;
- (ii) Indivíduos crentes e praticantes da religião católica, sem participação conjugal em grupos católicos (GC);
- (iii) Indivíduos crentes e praticantes da religião católica, com participação conjugal em GC.

Como objetivo específico, pretende-se explorar a perceção individual relativa aos processos associados à participação conjugal em GC que possam explicar potenciais diferenças nas variáveis em estudos.

No que respeita ao desenho de investigação, este pode ser melhor compreendido através do respetivo mapa conceptual:

Figura 1

Mapa conceptual



Parte I - Estudo Quantitativo

1. Participantes

A amostra de participantes deste estudo foi recolhida segundo uma abordagem não probabilística, por conveniência e bola de neve. Como critérios de inclusão, definiu-se a idade igual ou superior a 18 anos e encontrar-se casado ou em união de facto.

O estudo contou com um total de 379 participantes, dos quais 68.3% são do sexo feminino e 31,7% do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 24 e os 85 anos ($M= 49.42$; $DP= 11.73$). No que concerne ao nível de escolaridade, 18.2% têm um nível inferior à Licenciatura e 81.7% têm Licenciatura ou um nível superior, encontrando-se a maioria no nível da Licenciatura pré-Bolonha/ Mestrado (34.8%) e Licenciatura (34.3%). Relativamente à região de residência, foi possível alcançar participantes de 14 dos 18 distritos de Portugal Continental, das Regiões Autónomas da Madeira e dos Açores e do estrangeiro, contudo em valores pouco significativos, encontrando-se a grande maioria centrada em Lisboa (81.5%). No que respeita à situação profissional, identificou-se uma variedade de situações, sendo a mais prevalente o trabalho por conta de outrem (53.6%), seguido do trabalho por conta própria (24.3%). Concluiu-se ainda que o número de participantes casados (82.6%) é superior ao número de participantes em união de facto (17.4%), encontrando-se a grande maioria no seu primeiro casamento/união de facto (82.8%). No que respeita ao número de filhos, a maioria dos participantes tem filhos (87.9%), sendo o número mínimo um filho e máximo 12 filhos ($M= 2.08$; $DP= 1.45$).

Por se tratarem dos grupos posteriormente analisados, na Tabela 1 apresenta-se a caracterização da amostra considerando-se os dados dos participantes nos subgrupos relativos à dimensão das crenças e práticas religiosas e às atividades realizadas em casal:

Tabela 1

Caracterização da amostra

Crenças e práticas religiosas	N	%
Não crentes ou praticantes da religião Católica	212	55.9
Crentes e praticantes da religião Católica	88	23.2
Crentes e praticantes da religião Católica, com participação conjugal num GC	79	20.8
Prática de atividades em casal	N	%
Sem prática de atividades em casal	217	57.3
Com prática de atividades em casal fora do âmbito religioso	65	17.2

Prática de atividades em casal	N	%
Com prática de atividades em casal no âmbito religioso, mas não num GC	18	4.7
Participação conjugal num GC	79	20.8

2. Instrumentos

Foi construído um protocolo de investigação de autorresposta (Apêndice A), constituído por cinco instrumentos: (i) Questionário sociodemográfico, (ii) Índice de Bem-Estar da Organização Mundial de Saúde (WHO-5, 1998); (iii) Escala de Satisfação Conjugal de Kansas (Schumm et al., 1985; versão portuguesa de Antunes et al., 2021); (iv) Escala de Generatividade do Casal (Bertoni et al., 2012; versão portuguesa de Costa-Ramalho et al., 2021); e 4EverFamily Questionnaire: Escala de Avaliação da Experiência Familiar (Costa-Ramalho & Rebelo-Pinto, 2021)

2.1 Questionário Sociodemográfico

O Questionário Sociodemográfico é composto por 16 itens e visa caracterizar o participante em diferentes aspetos, tais como a faixa etária em que se insere, o estado civil e as suas crenças/práticas religiosas (e.g. *Considera-se crente em alguma religião?*). As opções de resposta variam entre as questões, havendo opções de resposta aberta, como é a idade e o número de filhos, e opções de resposta fechada, com diferentes escalas de resposta, maioritariamente do tipo *Likert*.

2.2 Índice de Bem-Estar da Organização Mundial de Saúde

Índice de Bem-Estar da Organização Mundial de Saúde (WHO-5, versão de 1998) ($\alpha=.86$, α do estudo de Zierau e colaboradores [2002]=.88), trata-se de uma escala de satisfação global curta e genérica, composta por 5 itens e desenvolvida pela OMS com o objetivo de medir o bem-estar subjetivo. Esta escala distingue-se de outras desenvolvidas pela OMS por ser mais curta e apresentar apenas itens com frases positivas (e.g. *Senti-me calmo e relaxado*), aos quais o respondente deve responder avaliando o quanto cada item se adequa a como se tem sentido nas últimas duas semanas, numa escala tipo *Likert* de 6 pontos, (5=*Sempre* a 0=*nenhuma vez*). Assim, a pontuação total varia entre 0 e 25, em que 0 significa a ausência total de bem-estar e 25 um nível de bem-estar máximo (Topp et al., 2015).

2.3 Escala de Satisfação Conjugal de Kansas

A Escala de Satisfação Conjugal de Kansas (Antunes et al., 2021) ($\alpha=.95$, α da escala original =.97), consiste na versão portuguesa da *Kansas Marital Satisfaction Scale*

(Schumm et al., 1985). Esta é composta por três itens e pretende avaliar a satisfação conjugal, permitindo a distinção entre casais em crise e casais satisfeitos. Cada item avalia uma dimensão da satisfação conjugal, sendo estas: a satisfação com a relação conjugal, a satisfação com o companheiro enquanto cônjuge e a satisfação da relação com o companheiro (e.g. *Em que medida está satisfeito(a) com a relação que tem com o(a) seu/sua companheiro(a)?*). Pretende-se que o respondente avalie estas três dimensões conforme o grau de satisfação atual numa escala tipo *Likert* de 7 pontos (1=*Extremamente insatisfeito(a)* a 7=*Extremamente satisfeito*). A cotação é feita através do somatório das respostas aos três itens, podendo variar entre 3 e 21 pontos, em que um maior resultado indica um maior nível de satisfação conjugal (Antunes et al., 2021).

2.4 Escala de Generatividade do Casal

Escala de Generatividade do Casal (Costa-Ramalho et al., 2021) ($\alpha=.78$, α da escala original $=.80$), consiste na versão portuguesa da *Couple Generativity Scale* (Bertoni et al., 2012). Esta é composta por sete itens e pretende avaliar a perceção da generatividade do casal em indivíduos numa relação conjugal (e.g. *Estamos comprometidos enquanto casal com a nossa comunidade*), através da avaliação numa escala tipo *Likert* de 5 pontos (1=*Discordo completamente* a 5=*Concordo completamente*). A cotação é feita através da soma do resultado de cada item, podendo a pontuação final variar entre 7 e 35, em que uma pontuação mais elevada indica uma elevada perceção de generatividade de casal, e vice-versa (Costa-Ramalho et al., 2021).

2.5 4EverFamily Questionnaire: Escala de Avaliação da Experiência Familiar

O 4EverFamily Questionnaire: Escala de Avaliação da Experiência Familiar (Costa-Ramalho & Rebelo-Pinto, 2021) ($\alpha=.96$, α da escala original $=.95$) é composto 20 itens e tem como principal objetivo a avaliação da perceção individual da experiência familiar em quatro pilares essenciais, nomeadamente: a intimidade, sendo esta caracterizada por uma ligação emocional próxima, consistente e significativa com os membros da família (e.g. *Na minha família partilhamos o que nos preocupa*); a coesão, força que congrega os membros da família e promove uma identidade de grupo (e.g. *Na minha família mantemo-nos unidos mesmo em situações de desacordo/conflito*); a continuidade, nomeadamente a persistência e consistência temporal do grupo familiar e da sua evolução (e.g. *Na minha família valorizamos a interação das diferentes gerações familiares*); e a transcendência, um movimento de abertura aos outros e ao Mundo orientado por valores éticos ou espirituais/religiosos (e.g. *Sentimo-nos comprometidos com o mundo em que vivemos*). Neste sentido, é pedido ao respondente que pense na sua

família próxima e procure caracterizar a forma como a vê na atualidade, numa escala tipo *Likert* de 5 pontos (1=*Nunca ou quase nunca* a 5=*Sempre ou quase sempre*). De acordo com o estudo preliminar da estrutura fatorial da escala, a análise deve ser realizada considerando dois diferentes fatores, a *proximidade* e a *projeção*, em que os resultados serão, respetivamente, a média da soma dos itens da intimidade e da coesão (total de 12 itens) e a média da soma dos itens da continuidade e da transcendência (total de oito itens).

3. Procedimentos

Para determinar o número mínimo de participantes a recrutar para o estudo quantitativo, foi realizada uma análise através do programa G*Power (Faul et al., 2007), que indicou que deveriam ser recrutados 252 participantes, divididos equitativamente pelos três grupos. A amostra de participantes recrutada (n=379) superou o número determinado pelo programa, revelando uma potência superior, resultante numa maior da probabilidade de obtenção de um resultado estatisticamente significativo (Howitt & Cramer, 2020)

A recolha de dados foi feita *online* através da plataforma *QualtricsSurveySoftware* (v. XM, Qualtrics, Provo, UT) no período entre outubro e dezembro de 2021, segundo uma amostragem não probabilística, por conveniência e bola de neve. Nesta plataforma, foi criado o protocolo acima descrito, tendo este sido partilhado através de um *link* por diferentes redes sociais (e.g. *Facebook*, *Whatsapp*), via e-mail e pela rede informal de contactos. Ao abrir o *link*, os participantes encontravam o consentimento informado do estudo, onde se apresentavam os objetivos e o âmbito do mesmo, os requisitos para participar, a duração prevista para o preenchimento do questionário (cerca de 15 minutos) e a confidencialidade e anonimato de toda a informação recolhida. Após declarar reunir os requisitos solicitados e ter lido as condições da investigação, o participante iniciava então as respostas ao questionário.

4. Análise de dados

A análise dos dados foi realizada através do programa *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS), versão 28.0 (IMB, *SPSS Statistics for Windows* Inc., Armonk, NY). As primeiras operações executadas foram de estatística descritiva e de frequência dos dados face às variáveis em análise. Após criadas variáveis para cada escala utilizada, foi testada a normalidade pelos testes Kolmogorov-Smirnov e a homogeneidade da

variância pelo teste de Levene. Para analisar as relações entre as dimensões em estudo, foi utilizada o coeficiente de correlação de Pearson (Pallant, 2005).

O passo seguinte foi a comparação entre grupos. Com vista a serem satisfeitos os objetivos propostos para a investigação, foram comparados os três grupos referidos (indivíduos não crentes em nenhuma religião ou crentes sem prática religiosa; indivíduos crentes e praticantes da religião católica sem participação conjugal em GC; e indivíduos crentes, praticantes da religião católica e participantes em GC em casal) nas dimensões em estudo (bem-estar, satisfação conjugal, generatividade conjugal, e percepção da experiência familiar) através do teste de Kruskal-Wallis, uma vez que o não foi cumprido o pressuposto de normalidade (Pallant, 2005).

Face aos resultados observados, embora não fizesse parte dos objetivos iniciais, veio depois a considerar-se relevante realizar um novo agrupamento de dados onde fosse considerado como critério as atividades praticadas em casal, de onde surgiram quatro novos grupos: (i) casais que não praticam nenhuma atividade em conjunto; (ii) casais que praticam alguma(s) atividade(s) em conjunto fora do âmbito da Igreja (e.g. desporto, voluntariado); (iii) casais que participam em grupos católicos em conjunto (e.g. ENS); (iv) e casais que praticam outra(s) atividade(s) em conjunto no âmbito da Igreja (e.g. orientadores de catequese). Para efeito da comparação entre os respetivos grupos nas dimensões em estudo, procedeu-se à realização de análises de variância de um fator (ANOVA) entre as dimensões bem-estar e projeção, e testes de Kruskal-Wallis entre as dimensões satisfação conjugal, generatividade conjugal e proximidade, considerando-se o cumprimento ou violação, respetivamente, dos pressupostos de normalidade e homogeneidade da variância (Pallant, 2005).

5. Resultados

5.1 Análises de correlações

Na tabela 2 são apresentados os resultados das correlações entre as cinco dimensões em estudo.

Tabela 2

Correlações entre as dimensões em estudo

	Bem- Estar	Satisfação Conjugal	Generatividade	Projeção	Proximidade
Bem-Estar	-	,103*	,250**	,195**	,185**
Satisfação Conjugal		-	,372**	,129*	,155**
Generatividade			-	,424**	,391**
Projeção				-	,833**
Proximidade					-

* A correlação é significativa ao nível 0,05

** A correlação é significativa ao nível 0,01

Os resultados obtidos revelam a existência de correlações estatisticamente significativas entre todas as variáveis em estudo. Mais especificamente, o bem-estar revela uma correlação positiva fraca com as restantes variáveis. A satisfação conjugal demonstra uma correlação positiva fraca com a projeção e a proximidade, e uma correlação positiva moderada com a variável generatividade. Encontra-se ainda uma correlação positiva moderada entre a generatividade e as variáveis projeção e proximidade, e uma relação positiva forte entre a projeção e a proximidade (Cohen, 1988).

5.2 Comparação entre grupos

5.2.1 Primeiro momento de comparação entre grupos

A Tabela 3 apresenta as diferenças entre os três grupos ao nível do bem-estar.

Tabela 3

Comparação do bem-estar entre os três grupos

	Crenças e práticas religiosas	M	DP	<i>p</i>
	Sem crenças ou práticas	15.689	3.975	
Bem-estar	Crenças e práticas sem participação em GC	16.546	3.988	>0.05
	Crenças, práticas e participação em GC	16.101	3.901	

Não se identificam diferenças estatisticamente significativas no bem-estar entre os três grupos ($H=3.982$, $p=0.137$).

A Tabela 4 apresenta as diferenças entre os três grupos ao nível da satisfação conjugal.

Tabela 4

Comparação da satisfação conjugal entre os três grupos

Crenças e práticas religiosas		M	DP	<i>p</i>
Satisfação conjugal	Sem crenças ou práticas	16.642	4.207	
	Crenças e práticas sem participação em GC	17.261	3.368	<0.05
	Crenças, práticas e participação em GC	17.772	4.574	

Verificam-se diferenças estatisticamente significativas na satisfação conjugal entre os grupos ($H=11.596$, $p=0.003$) sendo que, através da análise de comparações múltiplas, se observa que o grupo com crenças, práticas e participação conjugal num GC evidencia um valor superior de satisfação conjugal ($z=-3.387$, $p<0.001$, $r=-0.20$) quando comparado com o grupo sem crenças ou práticas religiosas.

O grupo com crenças e práticas, sem participação num GC não se diferencia dos restantes grupos ao nível da satisfação conjugal.

A Tabela 5 apresenta as diferenças entre os três grupos ao nível da generatividade conjugal.

Tabela 5

Comparação da generatividade conjugal entre os três grupos

Crenças e práticas religiosas		M	DP	<i>p</i>
Generatividade	Sem crenças ou práticas	27.104	3.632	
	Crenças e práticas participação em GC	28.443	3.335	<0.001
	Crenças, práticas e participação em GC	30.418	2.473	

De acordo com os testes de diferenças de médias realizados, observa-se que a generatividade apresenta diferenças estatisticamente significativas entre os grupos ($H=50.768$, $p<0.001$), sendo que a análise das comparações múltiplas revela diferenças entre todos os grupos em estudo, com o grupo dos indivíduos com crenças, práticas e participação conjugal em GC a apresentar os valores mais elevados de generatividade.

A Tabela 6 apresenta a comparação entre os grupos ao nível da proximidade.

Tabela 6

Comparação da proximidade familiar entre os três grupos

	Crenças e práticas religiosas	M	DP	<i>p</i>
	Sem crenças ou práticas	4.035	0.751	
Proximidade	Crenças e práticas sem participação em GC	4.127	0.694	<0.05
	Crenças, práticas e participação em GC	4.297	0.539	

Observam-se diferenças estatisticamente significativas entre grupos na dimensão da proximidade ($H=6.371$, $p=0.041$) sendo que, através da análise das comparações múltiplas, o grupo com crenças, práticas e participação em GC evidencia valores superiores de proximidade ($z=-2.519$, $p=0.12$) do que o grupo sem crenças ou práticas religiosas.

O grupo com crenças e práticas, sem participação num GC não se diferencia dos restantes grupos ao nível da proximidade.

A Tabela 7 apresenta as diferenças entre os três grupos ao nível da projeção.

Tabela 7

Comparação da projeção familiar entre os três grupos

	Crenças e práticas religiosas	M	DP	<i>p</i>
	Sem crenças ou práticas	3.803	0.688	
Projeção	Crenças e práticas sem participação em GC	3.949	0.679	<0.001
	Crenças, práticas e participação em GC	4.182	0.574	

Evidenciam-se diferenças estatisticamente significativas na projeção entre grupos ($H=20.317$, $p<0.001$), sendo que, através da análise das comparações múltiplas, identificam-se valores superiores de projeção do grupo com crenças, práticas e participação em GC face aos restantes grupos. O grupo com crenças, práticas e participação em GC apresenta mais projeção ($z=-2.256$, $p=0.024$, $r=-0.17$) do que o grupo com crenças e práticas, sem participação em GC; e apresenta também mais projeção ($z=-4.461$, $p<0.001$, $r=-0.26$) do que grupo sem crenças ou práticas religiosas.

5.2.2 Segundo momento de comparação entre grupos

A Tabela 8 apresenta as diferenças entre os quatro grupos ao nível do bem-estar.

Tabela 8

Comparação do bem-estar individual entre os quatro grupos

	Atividades em casal	M	DP	<i>p</i>
Bem-estar	Nenhuma	15.604	4.149	>0.05
	Alguma	16.815	3.414	
	Na Igreja	16.833	3.519	
	Participação em GC	16.101	3.901	

Apesar de se observarem ligeiras diferenças entre o valor médio de bem-estar entre os indivíduos dos diferentes grupos, verificando-se um valor inferior nos participantes que não realizam nenhuma atividade em casal, estas diferenças não são estatisticamente significativas ($F=1.927$, $p=0.125$, $r=0.12$).

A Tabela 9 apresenta as diferenças entre os quatro grupos ao nível da satisfação conjugal.

Tabela 9

Comparação da satisfação conjugal entre os quatro grupos

	Atividades em casal	M	DP	<i>p</i>
Satisfação conjugal	Nenhuma	16.636	3.878	0.001
	Alguma	17.431	4.257	
	Na Igreja	16.889	4.241	
	Participação em GC	17.772	4.574	

A média dos valores de satisfação conjugal revela diferenças estatisticamente significativas entre os grupos ($H=16.224$, $p<0.001$), identificando-se que o grupo que não pratica atividades em casal apresenta uma satisfação conjugal inferior ($z=-3.791$, $p<0.001$, $r=-0.22$) ao grupo que participa num GC em casal. O mesmo grupo, que não pratica atividades em casal apresenta também valores inferiores de satisfação conjugal ($z=-2.234$, $p=0.025$, $r=0.15$) comparativamente ao grupo que pratica algum tipo de atividade em casal, fora do âmbito da Igreja.

O grupo que pratica, em casal, alguma atividade no âmbito da Igreja não se diferencia dos restantes grupos ao nível da satisfação conjugal.

A Tabela 10 apresenta as diferenças entre os quatro grupos ao nível da generatividade conjugal.

Tabela 10

Comparação da generatividade conjugal entre os quatro grupos

	Atividades em casal	M	DP	<i>p</i>
Generatividade	Nenhuma	27.364	3.579	<0.001
	Alguma	27.569	3.623	
	Na Igreja	28.833	3.601	
	Participação em GC	30.418	2.473	

A generatividade também apresenta diferenças estatisticamente significativas entre os grupos em estudo ($H=47.706$, $p<0.001$), observando-se que os participantes de GC apresentam valores superiores de generatividade ($z=-6.757$, $p<0.001$, $r=-0.39$) do que os grupos de participantes que não praticam nenhuma atividade em casal e ($z=-4.806$, $p<0.001$, $r=-0.40$) do que o grupo de participantes que pratica alguma atividade em casal, fora do âmbito da igreja.

O grupo que pratica em casal alguma atividade no âmbito da Igreja não se diferencia dos restantes grupos ao nível da generatividade.

A Tabela 11 apresenta as diferenças entre os quatro grupos ao nível da proximidade.

Tabela 11

Comparação da proximidade familiar entre os quatro grupos

	Atividades em casal	M	DP	<i>p</i>
Proximidade	Nenhuma	4.085	0.702	>0.05
	Alguma	4.012	0.808	
	Na Igreja	3.063	0.873	
	Participação em GC	4.298	0.539	

A média do fator proximidade entre os grupos não apresenta diferenças estatisticamente significativas ($H=5.924, p=0.115$).

A Tabela 12 apresenta as diferenças entre os quatro grupos ao nível da dimensão da projeção.

Tabela 12

Comparação da projeção familiar entre os quatro grupos

	Atividades em casal	M	DP	<i>p</i>
Projeção	Nenhuma	3.864	0.673	<0.001
	Alguma	3.827	0.699	
	Na Igreja	3.694	0.828	
	Participação em GC	4.182	0.574	

A média dos valores de projeção entre os grupos apresenta diferenças estatisticamente significativas ($F=5.684, p<0.001, r=0.21$), em que o grupo de participantes de GC apresenta valores médios de projeção superiores a todos os restantes grupos. Quando comparadas entre si, as médias dos restantes grupos não se distinguem ao nível da projeção.

Parte II - Estudo Qualitativo

1. Participantes

A amostra foi composta por 10 participantes, dos quais seis eram mulheres e quatro eram homens. A idade dos participantes variou entre os 32 e os 56 anos ($M=43.6$), em que a média de idade das mulheres era de 41.5 anos e dos homens de 46.75 anos. Todos os entrevistados eram casados, sendo que os anos de casamento variaram entre os 5 anos e os 27 anos ($M=15.1$). No que respeita aos GC em que cada entrevistado participa em casal, quatro participam no movimento mariano “Equipas de Nossa Senhora” (ENS), quatro no movimento jesuíta “Comunidade de Vida Cristã” (CVX) e dois no movimento de Schoenstatt “Liga das Famílias”. Para além do GC, principal foco da entrevista, nove dos entrevistados participam noutros movimentos da Igreja Católica (e.g. Equipas de Jovens de Nossa Senhora, Curso de Preparação para o Matrimónio, Damas e Valetes), apresentando todos em comum o facto de serem casais guias de pelo menos um grupo.

Para facilitar a leitura e análise dos resultados posteriormente apresentados, os três grupos serão representados pelas letras A, B e C. As características de cada grupo são apresentadas na Tabela 13.

Tabela 13

Caracterização dos grupos católicos

Letra	N	Movimento e grupo	Breve descrição	Foco	Frequência das reuniões
A	4	Movimento das Equipas de Nossa Senhora (ENS)	“Movimento de espiritualidade conjugal, nascido em França em 1938, cujo objetivo é ajudar os casais a viver plenamente o seu sacramento do Matrimónio, anunciando ao mundo os valores do casamento cristão pela palavra e pelo testemunho de vida.” (ENS, 2022)	Conjugal	Mensal
B	4	Comunidade de Vida Cristã (CVX) do Movimento Jesuíta	“Comunidade Mundial de Leigos, constituída como associação pública de fiéis, com um carisma particular (...) Ser CVX é um estilo de vida que pretende unificar a experiência humana em todas as suas dimensões com a	Individual	Quinzenal

Letra	N	Movimento e grupo	Breve descrição	Foco	Frequência das reuniões
			plenitude da fé cristã.” (Ponto SJ, 2022)		
C	2	Liga das Famílias do Movimento de Schoenstatt	“Na força da Aliança de Amor, as famílias recebem a graça de viverem como Igrejas Domésticas, Santuários Vivos de Schoenstatt, tornando-se uma sólida família cristã, um novo Nazaré. Desta forma se esforçam para serem realmente células vivas para a renovação da sociedade e construir a «civilização do amor»” (Movimento Apostólico de Shoenstatt, 2022)	Familiar	Mensal

2. Instrumentos

Para recolha dos dados foi construída uma entrevista semiestruturada individual, partindo de questões consideradas relevantes pelo investigador após leitura dos dados quantitativos, mas mantendo-se a liberdade de alterar a ordem como são realizadas ou efetuar alguma outra alteração menor conforme o participante entrevistado (Lima & Bernardes, 2017).

O guião da entrevista (Apêndice B), dedicado à compreensão da experiência do indivíduo enquanto membro de casal participante de um GC, encontra-se dividido em três blocos temáticos, com objetivos gerais e objetivos específicos, sobre os quais foram delineadas perguntas-tipo:

- (i) Introdução: disponibilização e recolha de informação geral sobre o estudo. Dando início ao processo de recolha de dados, este bloco inclui o fornecimento de informação sobre os principais objetivos do estudo e sobre o consentimento informado (Apêndice C), anteriormente enviado por e-mail, com o intuito de esclarecer possíveis dúvidas surgidas durante a consulta do mesmo. São também incluídas questões de caráter sociodemográfico, com o objetivo de caracterizar a amostra ao nível das

características pessoais e familiares como, por exemplo, a profissão e número de filhos, respetivamente.

- (ii) Grupos católicos: compreensão da experiência individual enquanto participante. O segundo bloco visa uma compreensão mais profunda da experiência individual do entrevistado enquanto participante num GC, sendo exemplo de objetivos específicos a recolha das principais impressões acerca da participação no mesmo, nomeadamente ao nível da importância atribuída e do impacto percebido (e.g. *Que importância atribui atualmente à participação neste grupo?*) e a compreensão da perceção sobre os resultados do estudo quantitativo (e.g. *Pensando especificamente a nível conjugal, considera que a participação neste grupo se reflete na satisfação conjugal? Se sim, como?*).
- (iii) Finalização. Após recolhidas as informações desejadas, inicia-se este último bloco, onde se prevê terminar a entrevista. De entre os objetivos, surge o agradecimento da participação no estudo e o questionamento sobre possíveis questões e/ou sugestões que gostassem de realizar.

A duração média das entrevistas foi de 30 minutos.

3. Procedimentos

A recolha de dados para o estudo qualitativo teve início no momento da recolha dos dados quantitativos. Ao preencher o protocolo de investigação do estudo quantitativo, foi questionado aos participantes se desejariam contribuir também para o estudo qualitativo através da realização de uma entrevista, definindo-se como requisito a participação conjugal num GC.

4. Análise de dados

Inicialmente, foram transcritas integralmente as 10 entrevistas realizadas. Após a transcrição, os nomes dos participantes e outros elementos identificativos foram alterados, de forma a salvaguardar o anonimato dos participantes e a confidencialidade dos dados recolhidos.

Para a análise de dados utilizou-se o *software* MAXqda 2022 (VERBI Software, 2019). Com o objetivo de organizar os dados recolhidos, identificar e analisar padrões a partir dos mesmos, procedeu-se ao método de análise temática (Braun & Clarke, 2006).

As autoras Braun e Clarke (2006) disponibilizam um guia das seis fases de uma análise temática, enfatizando que se trata de um processo não linear, mas recursivo, onde se avança e recua entre as fases consoante a necessidade. A presente investigação seguiu as seis fases definidas pelo modelo.

A primeira fase consiste na familiarização com os dados. Nesta fase, é importante o investigador emergir nos dados, isto é, lê-los repetidamente e de forma ativa, procurando encontrar significados e padrões. Na presente investigação, esta fase teve início com a transcrição dos dados verbais, recolhidos através das entrevistas realizadas, o que, segundo os autores, é um momento chave de familiarização com os dados (Braun & Clarke, 2006).

Após a familiarização com os dados inicia-se a segunda fase, onde são gerados os primeiros códigos. Os códigos consistem em identificações de certas características dos dados com interesse para o investigador, permitindo a organização dos mesmos entre diferentes grupos. O processo de codificação pode ser realizado manualmente ou através de programa de *software* (Braun & Clarke, 2006), tendo esta sido a opção utilizada para este estudo, nomeadamente, através do programa MAXqda (VERBI Software, 2019).

A terceira fase tem início com o final da codificação dos dados. Aqui, o investigador inicia um processo de reorganização, onde a vasta lista de códigos é organizada por temas e subtemas (Braun & Clarke, 2006).

A quarta fase é dedicada à revisão e redefinição dos temas. Nesta fase, compreende-se que certos temas deixam de ser considerados, enquanto outros podem exigir uma reformulação. Primeiramente, devem ser revistos os códigos estipulados, considerando a coerência da relação entre estes e os temas. De seguida, deve ser confirmada a validade de cada tema individual e do mapa temático construído, devendo este refletir o significado dos dados (Braun & Clarke, 2006).

Na quinta fase, os temas são definidos e nomeados. Para tal, importa identificar a essência que caracteriza cada tema e determinar que aspeto sobre os dados é capturado pelo tema, renomeando-os e fazendo uma análise detalhada de cada um (Braun & Clarke, 2006).

Finalmente, após a obtenção de um conjunto de temas totalmente trabalhados, dá-se início à sexta e última fase, que diz respeito à elaboração de uma análise final e construção de um relatório (Braun & Clarke, 2006) que, neste caso, se tratou da apresentação dos resultados e discussão dos mesmos.

5. Resultados

O estudo qualitativo propôs-se explorar a percepção individual relativa aos processos associados à participação conjugal num GC que pudessem explicar potenciais diferenças nas variáveis em estudo (bem-estar individual, satisfação conjugal, generatividade conjugal e percepção da experiência familiar).

A análise temática realizada às entrevistas individuais permitiu extrair um conjunto de categorias e subcategorias emergidas do discurso dos participantes. Após um processo de revisão e reflexão de toda a análise (Braun & Clarke, 2006), obteve-se a Árvore Categorical Final (Apêndice E).

Identificam-se duas categorias centrais nesta análise, os *benefícios percebidos* da participação conjugal num GC e a *generatividade* dos participantes.

Benefícios Percebidos¹

Todos os participantes revelam *benefícios percebidos* (10) da participação conjugal no GC, retirando-se, desta categoria, duas subcategorias: *motivos de integração e desenvolvimento e crescimento*.

Os participantes referem como principais *motivos de integração* (10) no GC, a *necessidade* (8²), por exemplo, de realizarem alguma atividade em casal “necessidade dos dois de fazer alguma coisa em conjunto” (FA1³), ou de pertença a um grupo da comunidade Católica:

Nós somos católicos praticantes e achámos que, enquanto casal, a componente de nos reunirmos com outros casais que estão na mesma frequência que nós, que têm as mesmas crenças, os mesmos princípios... focando sempre em determinados temas conforme cada reunião e haver sempre depois uma partilha e troca de experiências, que é bastante importante para a vida do casal. (MA4)

O *exemplo dos pais* (3) dos participantes, ao terem também participado num GC, também foi identificado como sendo um impulsor do desejo de integração num grupo semelhante, ao qual os indivíduos associavam a diferentes benefícios:

Ora, acima de tudo, porque os meus pais tinham uma equipa de casais desde há 50 anos, portanto, eu cresci a ver a equipa de casais em casa dos meus pais, e

1 As categorias e subcategorias identificadas pela análise temática serão apresentadas em itálico.

2 O nome de cada categoria e subcategoria é seguido de um número, entre parênteses, correspondente ao número de participantes codificados em cada uma.

3 Após cada excerto, encontrar-se-á a identificação do participante entre parênteses. A primeira letra, F ou M, diz respeito ao sexo; a segunda letra, A, B ou C, ao grupo que integra; e o número ao indivíduo em questão.

também em casa de outros membros da equipa. E aquilo para mim fazia muito sentido, achava que o foco daquelas reuniões era a valorização da família, metodologias para a educação dos filhos... e via ali uma grande maneira de se viver a vida cristã em família e com famílias (...) baseado nesta equipa que os meus pais tinham, começou logo o meu interesse inicial de eu também pretender ter uma, e esse foi, digamos, o ponto de partida. (MA3)

Por último, a integração por *desafio ou convite* (3) também se verificou entre os participantes, que já se encontravam envolvidos noutras atividades da Igreja Católica “(...) não pertencíamos ao movimento, fizemos o retiro e gostámos muito. E depois desafiaram-nos para fazer parte de uma de uma equipa, de um grupo de casais.” (FC9).

Após a compreensão sobre os *motivos de integração* no grupo, importa analisar os diferentes *benefícios percebidos* pelos indivíduos ao nível do *desenvolvimento e crescimento* (10) resultantes da participação conjugal nos GC, onde se desenvolveram quatro subcategorias, interligadas entre si, nomeadamente: *conjugal* (10), *pessoal* (6), *profissional* (5) e *familiar* (3).

A nível do *desenvolvimento e crescimento conjugal* (10) os diferentes grupos demonstram ser promotores de *intimidade e cuidado conjugal* (9):

Ao ter este espaço de partilha individual de cada um, sinto que estou mais próxima da verdade ou da situação pessoal ou da situação psicológica em que o meu cônjuge se encontra e, por isso, ao sentir-me mais próxima, eu posso dizer que é mais fácil de me sentir satisfeita. (FB6)

Foi também referido que “numa equipa depois há um cunho de cuidado matrimonial que nos ajuda a crescer.” (FA2), por exemplo, através da perseverança no compromisso “nunca pões as coisas como a possibilidade do divórcio, pões as coisas como «ok, isto é um problema no nosso caminho, mas a vida continua»” (FB5), ou com a aprendizagem de estratégias práticas para a vivência em casal “deu-nos imensas ferramentas para lidar com isto... momentos do casamento em que nos sentimos mais desanimados, menos motivados, mais desordenados... E como lidar com isso.” (FB6).

Os momentos de partilha proporcionados pelo grupo também revelam fomentar a perceção de *semelhanças conjugais* (6) entre os casais do GC, onde é experienciado também, de forma clara, o suporte social, respetivamente:

Conhecer pessoas da minha geração, que cujos problemas que temos em casais são exatamente os mesmos, e as felicidades e as coisas boas também são as

mesmas. Portanto, é basicamente perceber que todas as famílias e todos os casais têm as mesmas questões. (MA3)

O sentir que estamos a caminhar com outras pessoas que têm as mesmas vivências que nós, os meus problemas que nós... Todos temos mais ou menos os mesmos desafios. Mas, às vezes, a pessoa tem sempre a tendência de achar que nós é que temos esse problema e que os outros casais não têm. (FC9)

A componente dedicada ao aprofundamento da *espiritualidade conjugal* (5) foi também referida, onde é sugerida a importância do grupo neste crescimento:

Sinto que também é importante como casal progredir na fé e na relação com Deus e, com as solicitações do mundo, se nós estamos sozinhos é mais difícil. Não estamos atentos ao que se passa e o grupo vai nos ajudando, vai falando de encíclicas do Papa, vai nos obrigando a desinstalar um bocadinho e a fazer parte de várias dinâmicas que a própria igreja diocesana propõe, e pronto, e a que nós gostamos de aderir, e acho que é uma ajuda para os casais. (FC9)

A *sintonia conjugal* (4) também se sobressai entre os participantes: “Obriga-nos (...) a pensar determinadas coisas e a rezar determinadas coisas, e acabamos por ter alguma sintonia entre um e outro, porque acabamos por ver a vida de uma forma muito semelhante, com diferenças como é óbvio.” (MB7), bem como a forma como são encarados e resolvidos *conflitos* (4) “não concordamos, mas vamos rezar para que as coisas corram da melhor maneira.” (FB5).

O *desenvolvimento e crescimento pessoal* (6), como decorrente da participação no grupo é referido por mais de metade dos participantes “esta participação nestes grupos obriga-nos a um grande exercício de verdade, de reflexão, de autoconhecimento individual (...)” (FB6), por ser fomentada uma *avaliação constante e proativa* (6) “no sentido de uma constante avaliação e motivação para ir mais longe, à nossa volta, na nossa comunidade e no mundo.” (FB6), um aprofundamento da *espiritualidade individual* (6) “também uma forma de nós irmos crescendo na relação com Deus” (FC9) e um *tempo de paragem* (4):

Uma das importâncias das nossas reuniões é que muitas vezes são momentos e tempos de reflexão que nós, no nosso dia-a-dia, muitas vezes não temos tempo para parar e pensar e refletir. Ali, na nossa reunião, temos um tempo para isso. (MA4)

Assim, alguns participantes concluem que os momentos proporcionados pelo CG são promotores de maiores níveis de *bem-estar* (3) “sabe-nos lindamente e saímos de lá extremamente preenchidos.” (MA4).

Também são identificados resultados, a nível do *desenvolvimento e crescimento profissional* (5):

A ideia é mesmo essa, é que a experiência espiritual, que os frutos da reflexão que se faz, que o Tema, que os textos, tenham impacto nas atitudes do dia-a-dia. Claro que há temas que depois acabam por nos conduzir mais, porque estamos mais focados ou bloqueados em assuntos profissionais ou pessoais ou familiares e, no fundo, a reflexão vai por aí. (MB8)

Por último, *desenvolvimento e crescimento familiar* (3), sendo referidos os contributos sobre a dinâmica familiar com a família nuclear e alargada, mas, sobretudo, sobre a educação dos filhos “A educação dos filhos, acho que se aprende sempre imenso também quando é bem dado.” (FC9).

Generatividade

A *generatividade* (10) dos participantes, foi outra categoria central identificada, apresentando quatro subcategorias: *virados para fora* (10), *participação noutras atividades* (9), *impacto da participação nos filhos* (9) e *exemplo que se dá e que se recebe* (7). Apesar da generatividade ser, por diversas vezes, percecionada enquanto um benefício percebido da participação no GC, pelo relevo atribuído por parte dos participantes e por se tratar de uma das principais dimensões aprofundadas na presente investigação, considerou-se pertinente o destaque da mesma através de uma nova categoria:

Acho que é muitas vezes nestes grupos que nós vamos sentindo a vontade de fazer mais qualquer coisa, em que ouvimos dizer que podemos ajudar nisto, ajudar naquilo... Por exemplo, nós fizemos missões familiares e foi neste grupo também que surgiu a ideia. (FC9)

Compreendeu-se que os indivíduos apresentam uma postura onde estão, constantemente, *virados para fora* (10), onde é considerada a importância de estar comprometidos com a comunidade, enquanto casal e enquanto família:

Esta sensação de pertença a um grupo com frutos, com a partilha, o acolhimento da partilha dos outros... todo o caminho já percorrido penso que nos dá um sentimento não só de pertença, como também nos um inspira a sermos um

casal que está comprometido com a Igreja, isto é, está comprometido com as pessoas. (FB6)

Temos de ser muito igreja doméstica, estarmos virados para fora. E, sim, eu acho que as equipas ajudam nos muito. Falamos muito sobre isso nas Equipas, o não estarmos virados só para a nossa família e a nossa casa, mas sim antes para fora. (FA1)

Parecendo natural numa postura voltada para a comunidade e para o mundo, praticamente todos os entrevistados revelam uma *participação noutras atividades* (9) em conjunto com o seu cônjuge, no âmbito da Igreja, para além do grupo em estudo, identificando-se a característica comum de serem casais orientadores de diferentes grupos (e.g. Equipas de Jovens de Nossa Senhora [EJNS]; Damas e Valetes; e Curso de Preparação para o Matrimónio [CPM]).

A experiência de generatividade também se verifica na forma como os entrevistados consideram o *impacto da participação nos filhos* (9):

Os nossos filhos, embora muito pequeninos e não fazendo propriamente parte das reuniões, sentem um bocadinho daquilo que é este espírito de comunidade e, portanto, percebem que em determinados dias da semana os pais não estão, ou então estão em casa, mas na reunião. E sabem que há pessoas que vêm e estão super curiosos para conhecer estas pessoas. Há este sentido de acolhimento em nossa casa, ou de partida... «os nossos pais saíram porque vão para algo muito importante» É-lhes incutido e também explicado por nós, e eu acho que também acabam por ser contagiados por este espírito de comunidade alargada, que que é tão, tão rico e tão, tão frutífero. (FB6)

Também *o exemplo que se dá e que se recebe* (7) entre os casais do grupo foi diversas vezes mencionado “o dar e o receber da equipa... Nós precisávamos de receber e damos também com o nosso exemplo e contributo à equipa” (FA1), sendo esta uma característica que os indivíduos demonstram transportar para outras atividades em que participam, desejando partilhar a experiência de casal “aceitámos até neste sentido de poder ser exemplo de «vamos mostrar que é possível ser jovem, estar casado, não estar a pensar no divórcio, ser feliz, ter crianças e estar sempre abertos à vida».” (FB5).

Dificuldades

Apesar do guião da entrevista não incluir nenhuma questão relativamente a possíveis *dificuldades* (9) associadas à participação conjugal num GC, quase todos os casais mencionaram alguns aspetos menos convenientes. Desta análise, identifica-se

enquanto dificuldade mais sentida a *logística entre trabalho, família e participação no grupo* (6).

Temos que nos dividir por mil lados e, às vezes, ou estamos cansados e há inércia em ir deixar os mais novos ou com *babysitter*, ou a casa dos avós, ou a casa de alguém que pode ficar com eles (...) toda esta gestão que temos que fazer e depois ainda seguir para onde os nossos amigos moram (...) às vezes não apetece, mas depois quando lá estamos sabe-nos lindamente e saímos de lá extremamente preenchidos. Faz parte de tudo. (MA4)

As restantes dificuldades percecionadas devem-se a questões particulares de cada GC, a nível da *organização do grupo* (3), por exemplo, devido à dificuldade no cumprimento do plano estruturado para cada reunião:

Temos muita tendência em indisciplinarmos, mesmo dentro da própria reunião e muitas vezes perdemos tempo com coisas que são supérfluas, que seriam muito agradáveis numa reunião qualquer de amigos, mas que ali para o foco, para o interesse da reunião, não faz sentido. E, depois, temos pouco tempo para debater aquilo que é importante. Acho que é o desafio principal, que não é fácil. (MA4)

Sugestões

A categoria *sugestões* (10) foi dividida em duas subcategorias: *maior bem-estar individual* (8) e *maior intimidade e coesão familiar* (8).

Para um *maior bem-estar individual* (8), os indivíduos sugerem uma maior mutabilidade do conteúdo das reuniões, por exemplo, através da adequação dos temas trabalhados, considerando que “os temas são estipulados no início do ano, mas a nossa vida é dinâmica e acabam por acontecer outras coisas importantes a debater.” (MA3), ou através da frequência “sentimos um bocadinho o peso desta regularidade bissemanal. Sentimos os dois que seria bom para nós que não fosse tão regular, e não necessariamente com menos fruto.” (FB6) e forma das próprias reuniões:

Convidar pessoas fora da equipa para virem falar de algum tema... Uma pessoa específica que nós saibamos que fala bem sobre aquele tema. É sempre muito rico e ajuda-nos bastante quando fazemos isso. Acho que devíamos fazer isso mais vezes.” (FA1)

Para uma *maior coesão e intimidade familiar* (8), sugere-se a promoção de *momentos em família e entre famílias* (5):

Ter um momento em que se conversa, em que se olha nos olhos, em que não se olha para as televisões, computadores... em que não é um de pé na cozinha

e vamos despachar isto. Ter o hábito de sentar, falar, só isso cria logo uma relação completamente diferente entre todos. (FB5).

Encontros das famílias da equipa sem ser reunião... ou irmos todos juntos à missa, ou encontrarmo-nos em casa uns dos outros, ou fazer um programa todos juntos, irmos todos jantar fora... acho que era importante haver aqui algo mais, para além da reunião, entre as famílias. (FA1)

A *adaptação do conteúdo* (3) das reuniões também foi referida, quer a nível do movimento em questão “Os temas das reuniões são muito virados para o casal. Aqui, se calhar, podia-se abrir um bocadinho mais o pano para o lado dos filhos” (MA3), como também dos movimentos de jovens, onde os filhos participem (e.g. EJNS) “qualquer coisa que seria criada, uma componente na versão filhos, que tivesse na mesma sintonia, que tivesse na mesma direção” (MA4), de forma a fomentar a coesão e intimidade entre os membros da família.

Capítulo 3 - Discussão dos resultados

A discussão dos resultados encontra-se estruturada de acordo com os objetivos gerais e o objetivo específico a que a investigação se propôs, incluindo-se a análise sobre outros resultados considerados relevantes para o estudo em questão. Quando pertinente, a interpretação dos resultados de ambos os estudos, quantitativo e qualitativo, será realizada de forma simultânea e integrada.

1. Participação conjugal em grupos católicos

Os GC oferecidos pelos diferentes movimentos da Igreja Católica pretendem acompanhar os indivíduos no percurso de vida, com base numa espiritualidade cristã. De entre vários, destacam-se os GC orientados para a espiritualidade individual, conjugal ou familiar, sendo que pode ser realizada uma participação em casal em qualquer um dos três. Apesar de compreendida a relação com diferentes áreas, a participação conjugal num GC revela, sobretudo, contributos a nível conjugal, quer no desenvolvimento e crescimento como na generatividade do casal. Nestes indivíduos, a conjugalidade parece ser acompanhada e vivida em comunidade, nascendo uma vontade de manter o relacionamento voltado para o mundo, associado não só ao compromisso com a Igreja Católica, mas também aos benefícios que daí surgem, tais como o aprofundamento da intimidade e cuidado conjugal, a perceção de semelhanças entre a vivência conjugal de outros casais, a sintonia do casal e a capacidade para lidar e resolver conflitos. De forma geral, torna-se possível compreender o contributo que os GC têm sobre a relação conjugal, quer numa perspetiva dos desafios do dia a dia, quer do compromisso a longo prazo.

2. Bem-estar individual

A dimensão bem-estar individual não apresentou diferenças entre os grupos comparados. Contrariamente ao definido por Koenig (2012) e Peres e colaboradores (2018), onde é demonstrada a relação entre a religiosidade (i.e., crenças e práticas religiosas) e nível superiores de bem-estar, o presente estudo não identificou uma relação direta entre a participação nestes grupos e o bem-estar dos indivíduos. Contudo, diferentes autores defendem a relação entre o bem-estar e outras dimensões em estudo, tal como a satisfação conjugal (Carr et al., 2014; Proulx et al., 2007; Robles et al., 2014), a generatividade conjugal (Scabini, 2016) e a experiência familiar, nomeadamente ao nível da proximidade (coesão e intimidade) (Crespo et al., 2011; Rebelo Pinto & Ribeiro, 2016; Xiang et al., 2022), o que vai ao encontro dos resultados encontrados na análise de

correlações entre as dimensões, permitindo identificar uma relação indireta entre o bem-estar e os grupos comparados.

A relação indireta entre o bem-estar e a participação conjugal em CG pode também ser explicada pelos resultados do estudo qualitativo. Os participantes revelam algumas dificuldades associadas a esta participação, remetentes para a logística necessária entre a família e o trabalho, para que tenham a disponibilidade de preparar e participar em cada reunião, o que pode explicar a ausência de relação entre o bem-estar e as práticas religiosas. Contudo, considerando os resultados consequentes da participação, ao nível da satisfação e generatividade conjugal e da perceção da experiência familiar, compreende-se que o bem-estar resultante destes grupos pode ser percecionado numa perspectiva mais indireta e a longo prazo.

Como sugestões para um aumento destes valores nos participantes de GC, são sugeridas alterações ao nível da organização das reuniões, nomeadamente, do formato (i.e. duração, frequência e disciplina) e conteúdo, através da adaptação à fase do ciclo de vida das famílias. A promoção de momentos dedicados à realização de exercícios espirituais também é considerada de grande importância, de onde são retirados diferentes contributos com influência sobre o bem-estar.

3. Satisfação conjugal

Ambos os estudos, quantitativo e qualitativo, permitiram identificar diferenças ao nível da satisfação conjugal em participantes de CG. Na primeira comparação entre grupos, compreende-se que a satisfação conjugal é superior em indivíduos crentes, praticantes e que participam em GC em casal, comparativamente a indivíduos sem crenças ou práticas religiosas, não se verificando diferenças entre os indivíduos crentes e praticantes sem a integração num GC. Estes resultados são consistentes com a literatura, onde é definido que as crenças e práticas religiosas estão associadas a uma maior satisfação conjugal, sendo que casais com um maior envolvimento religioso apresentam maior qualidade conjugal do que casais com um nível de envolvimento religioso inferior, considerando-se como um aspeto relevante nesta diferença o facto de os primeiros realizarem uma constante revelação do seu mundo interior (Parise et al., 2017). Esta revelação pessoal é também mencionada pelos participantes do presente estudo como sendo um dos frutos da experiência em GC, advindos das propostas de reflexão individuais e a dois, sobre diferentes temas pertinentes para a vida familiar, de onde

resulta uma maior intimidade entre o casal e, conseqüentemente, uma maior satisfação conjugal.

Kelley e colegas (2020) e Marsh e Dallos (2000) propõem que a religião é unificadora do casal e protetora em momentos de conflito, sendo que os casais religiosos apresentam uma maior facilidade em superar as adversidades que possam surgir. Estes resultados também foram encontrados na presente investigação, sendo que a gestão de conflitos se destaca entre um dos benefícios percebidos pelos participantes de GC, onde são fornecidas ferramentas, por exemplo, ao nível da empatia e comunicação, e promovida uma postura perseverante e focada no compromisso do casamento. Assim, as crenças religiosas também demonstraram estar associadas a níveis superiores de esperança e otimismo em momentos de desacordo, confiando que, através da oração, Deus ajudará a superar os desafios percebidos, sendo estes resultados consistentes com os encontrados por Rauer e Volling (2015). Torna-se ainda importante realçar a percepção de semelhanças entre os casais, advinda da partilha promovida pelos GC. Todos os entrevistados atribuem um forte significado aos momentos de partilha, por possibilitarem o crescimento individual e conjugal através das experiências de outros e, sobretudo, um sentimento comum de que todos os casais passam por alegrias e dificuldades semelhantes, favorecendo a entreaajuda e a relativização dos problemas conjugais.

O suporte social percebido pelos participantes é por diversas vezes referido, quer ao nível da resolução de conflitos, quer ao nível do sentimento de pertença a um grupo ou ao nível dos ensinamentos que tiram os outros casais. Estes resultados vão ao encontro da literatura, onde se destaca a importância do suporte social advindo das práticas religiosas (Kelley et al., 2020; King et al., 2020; Marsh & Dallos, 2000; Rauer & Volling, 2015; Taylor & Chatters, 1988), tornando-se um fator protetor da relação conjugal, refletindo-se na satisfação com a mesma.

Como proposto em estudos prévios, (Tavakol et al., 2017) a realização de atividades em casal está associada a uma satisfação conjugal superior, o que vai ao encontro dos resultados presentemente analisados. Observa-se que, indivíduos que participam em atividades com o seu cônjuge (fora do âmbito da igreja ou em GC) apresentam uma maior satisfação conjugal do que indivíduos que não praticam nenhuma atividade em casal, sendo que, neste caso, o que parece estar associado a uma maior satisfação conjugal é a prática partilhada de atividades conjugais, não se distinguindo o âmbito das mesmas.

4. Generatividade conjugal

A generatividade conjugal foi a única variável onde se identificaram diferenças significativas em todos os sentidos nos primeiros grupos comparados. Nestes, onde foram comparadas as crenças e práticas religiosas, a generatividade demonstrou ser significativamente superior entre os indivíduos que participam em GC em casal, comparativamente a indivíduos crentes e praticantes sem a participação em GC e a indivíduos não crentes, sendo que o segundo grupo mencionado também apresentou uma generatividade conjugal significativamente superior face ao último. Os resultados encontrados vão ao encontro do estudo de Parise e colaboradores (2017), onde se identifica uma relação positiva entre o nível de religiosidade e generatividade conjugal, em que os casais mais envolvidos a nível religioso apresentam uma maior abertura ao mundo e capacidade de cuidado dos seus laços, uma postura que se tornou-se bastante clara entre os indivíduos entrevistados, sendo esta associada pelos mesmos à participação conjugal no GC. Tal como defendido por Parise e colegas (2017), os indivíduos percecionavam o movimento de transposição da perspetiva do casal para a comunidade (generatividade social), e não apenas aos filhos (generatividade biológica), assumindo-se um recurso para o contexto social onde se inserem. Os valores de generatividade conjugal encontrados são também explicados pela envolvência destes indivíduos em diferentes atividades, muitas vezes propostas pelo GC em que participam. Em todas as atividades, os participantes desejam, em casal, receber e dar exemplo, acreditando que o exemplo dos outros favorece o crescimento da própria vida familiar e conjugal e, em simultâneo, que o exemplo que transmitem pode ser frutuoso para os outros. Ainda, foi possível analisar a consideração dos indivíduos pelo impacto percebido da participação em GC nos filhos, onde existe uma vontade de transpor os valores católicos pelos quais se regem, especialmente sobre a importância da vivência em comunidade.

A análise de comparação entre as diferentes atividades realizadas em casal confirma a relação entre as crenças e práticas religiosas e a generatividade conjugal, proposta por Parise e colegas (2017), onde se destacam os indivíduos participantes em GC. Estes indivíduos revelam valores superiores de generatividade face a indivíduos que não praticam nenhuma atividade em casal e face a indivíduos que praticam atividades em casal, fora do âmbito da igreja, onde há, inclusivamente, o envolvimento com a comunidade (e.g. através de atividades desportivas ou socio-caritativas). Os entrevistados revelam que a participação conjugal nos GC se torna numa inspiração para se manterem comprometidos com a Igreja e, conseqüentemente, com o mundo.

É também de realçar a relação entre a generatividade conjugal, a satisfação conjugal e o bem-estar individual. Tal como proposto por diferentes autores, a generatividade encontra-se associada a níveis superiores de vitalidade, significado, satisfação e bem-estar entres os casais (Costa-Ramalho et al., 2021; Zinck & Neel, 2020), o que corrobora os resultados do presente estudo, nomeadamente da análise de correções entre as respetivas dimensões, bem-estar, satisfação conjugal e generatividade. Assim, compreende-se que os participantes de GC em casal são mais generativos e, conseqüentemente, podem revelar uma maior satisfação conjugal e bem-estar individual.

5. Proximidade

A dimensão da proximidade (intimidade e coesão) familiar demonstrou diferenças significativas entre dois grupos em estudo: o grupo sem crenças ou práticas religiosas e o grupo com crenças e práticas religiosas e participação conjugal num GC, evidenciando-se superior no último mencionado. Não foram identificadas diferenças entre o grupo de indivíduos crentes e praticantes, sem participação num GC em casal. Estes resultados vão ao encontro de outros estudos, que determinam as crenças e práticas religiosas enquanto promotoras de um funcionamento familiar positivo, nomeadamente ao nível da coesão (Agate et al., 2007; Barbera et al., 2020; Berc et al., 2017; Fiese & Tomcho, 2001).

Contudo, não foram encontradas diferenças, ao nível da proximidade, na comparação entre os participantes de diferentes atividades realizadas em casal. Assim, a prática de atividades em casal, por si só, sendo dentro ou fora do âmbito da igreja, não demonstra nenhuma relação com a perceção de proximidade na família. Estes resultados contradizem o estudo de Agate e colaboradores (2007), onde é definida a importância das atividades praticadas em família para o bom funcionamento da mesma, sendo que, neste estudo, os indivíduos que não praticam nenhuma atividade em casal não revelam uma proximidade significativamente inferior face aos restantes grupos. Por outro lado, os autores não distinguem a prática de atividades religiosas de outras atividades de fora do âmbito da igreja, defendendo a relação positiva de ambas, sem diferenças significativas, tal como neste estudo.

Compreende-se que a perceção da experiência de proximidade familiar é superior em indivíduos praticantes de um GC em casal, e que tal não se deve ao facto de se tratar de uma atividade realizada em conjunto com o seu cônjuge, mas, pelo envolvimento religioso do casal. Como sugestões para aumentar a proximidade familiar, os indivíduos sugerem uma maior promoção de momentos em família, por exemplo, através dos pontos

de esforço de cada mês, bem como uma maior integração dos restantes membros da família nuclear com o GC, por exemplo através de atividades entre famílias. Também é referida a importância da adaptação dos temas para o âmbito da família, bem como a sintonia com os grupos para os jovens, de forma que se torne mais prática a partilha com os filhos sobre as aprendizagens e ensinamentos retirados de cada reunião.

6. Projeção

A experiência de projeção (continuidade e transcendência) familiar apresenta resultados semelhantes à proximidade familiar no que respeita às comparações realizadas entre os três primeiros grupos: indivíduos crentes, praticantes e participantes de um GC em casal revelam valores superiores de projeção face a indivíduos não crentes ou praticantes. De acordo com Rebelo Pinto e Ribeiro (2016), esta dimensão refere-se à persistência e consistência temporal de cada família e ao movimento de abertura aos outros e ao mundo que apresentam, sendo este direcionado por valores éticos ou espirituais/religiosos. Compreende-se que, tal como na experiência de generatividade, as famílias mais religiosamente envolvidas revelem uma experiência superior de projeção, face a famílias não religiosas, uma vez que se trata de uma perceção da experiência familiar intrínseca a uma dimensão espiritual.

Contrariamente à experiência de proximidade, a projeção familiar apresentou diferenças significativas quando comparadas as atividades realizadas em casal. Indivíduos participantes num GC em casal percecionam níveis superiores de projeção quando comparados aos restantes três grupos: indivíduos que não participam em nenhuma atividade em casal; indivíduos que participam numa atividade em casal fora do âmbito da igreja; e indivíduos que participam numa atividade conjugal, no âmbito da igreja, mas não num GC. Estes resultados revelam que a participação num GC em casal favorece a perceção da experiência de projeção familiar dos participantes, não por se tratar de uma atividade em casal, onde há envolvência na comunidade, mas sim pela própria atividade em si. Tais resultados tornam-se evidentes nos relatos dos entrevistados no que respeita à importância atribuída à transcendência para o mundo, sendo este um movimento notório em toda a família. Um dos motivos de integração no GC mais referido, foi o exemplo dos pais, ao também terem participado, de onde surge o desejo de continuar a experiência de espiritualidade conjugal e familiar. Neste sentido, é também referida a importância da participação sobre os filhos, mesmos sendo crianças, transmitindo-se o desejo de continuidade da experiência de espiritualidade e envolvência na comunidade.

7. Contributos e implicações práticas

O presente estudo permitiu contribuir para o conhecimento científico dos estudos da psicologia da família, colmatando algumas lacunas na literatura científica, em especial, no âmbito das relações conjugais. Primeiramente, importa considerar os resultados positivos que a participação conjugal num GC pode ter sobre a experiência conjugal, familiar e, conseqüentemente, individual. Estes casais demonstram maior satisfação conjugal, índices superiores de generatividade e a perceção de uma experiência familiar de maior proximidade e projeção, percebendo-se por outro lado que estes valores podem contribuir para o bem-estar de cada indivíduo. Ainda, o segundo momento de comparação entre grupos permitiu destacar a participação conjugal num GC da participação de outras atividades conjugais, ao nível da generatividade conjugal e da projeção familiar, demonstrando que os valores encontrados não são apenas conseqüentes da realização de uma atividade em casal, mas sim de se tratar, especificamente, da participação conjugal nestes grupos, estando associada a mais benefícios.

A análise temática permitiu identificar alguns aspetos que possibilitaram uma melhor compreensão sobre os resultados do estudo quantitativo. A nível conjugal, destaca-se, sobretudo, a consciência e desejo de contribuir para a comunidade, onde o casal ultrapassa as próprias fronteiras, mantendo uma postura voltada para o exterior. Ainda, supõe-se que a satisfação conjugal possa advir dos diferentes benefícios identificados: a perceção de semelhanças com os outros casais, oferecida pela partilha entre todos; a intimidade e cuidado conjugal, despoletada pela atenção despendida sobre o relacionamento; as ferramentas fornecidas para resolução de momentos de conflito ou desentendimento; a espiritualidade em casal; e a sintonia, nomeadamente ao nível dos valores, objetivos e estilo de vida, favorecendo a harmonia entre o casal. A nível familiar, estes indivíduos demonstram uma perceção da experiência familiar mais próxima e projetiva, sendo que, enquanto a projeção vai ao encontro da experiência de generatividade do casal, a proximidade familiar pode ainda ser alvo de maior investimento, por parte dos GC de casais, considerando-se os aspetos referidos na discussão dos resultados. Finalmente, a nível individual compreende-se que, apesar das várias implicações positivas, nomeadamente a nível espiritual e da promoção de tempo para uma constante avaliação e reflexão individual, o bem-estar dos participantes não é diretamente associado à participação nos GC, mas possivelmente aos processos despoletados pela mesma. A discussão de resultados, contudo, identifica alguns aspetos a considerar para que torne possível o alcance mais direto do bem-estar individual.

8. Limitações

A presente investigação revela algumas limitações, importantes de serem consideradas na interpretação dos resultados obtidos.

Primeiramente, apesar de entendida como uma potencialidade da investigação, o facto de não existir literatura científica sobre a participação conjugal em grupos católicos impediu o estabelecimento de hipóteses fundamentadas e de pontos de interesse a aprofundar, tendo-se refletido num estudo exploratório abrangente, com a análise de diferentes dimensões.

A utilização de estratégias de auto-relato, apesar da garantida sobre a confidencialidade e anonimato dos dados, deve considerar o efeito da desejabilidade social a que os participantes se encontram sujeitos. Admite-se a possibilidade de alguns dados não refletirem as atitudes, valores ou sentimentos reais dos indivíduos, mas sim a tentativa de ser transmitida uma imagem positiva e socialmente aceite dos próprios, através das respostas dadas (Grimm, 2010; Lima & Bernardes, 2017). Este aspeto ganha relevância no presente estudo pela relação positiva entre a desejabilidade social e o auto-relato das crenças e práticas religiosas, por serem consideradas, por alguns, enquanto características favoráveis (Chung & Monroe, 2003; Cox et al., 2003; Jones & Elliott, 2017).

Especificamente quanto ao estudo quantitativo, importa atender que a amostra foi recolhida segundo uma abordagem por conveniência, refletindo-se em resultados que, de acordo com Vanderstoep e Johnston (2009), podem não ser generalizáveis para a população. Ainda, o facto de o protocolo de investigação ser extenso, exigindo recursos de tempo por parte dos participantes, revelou-se num obstáculo à recolha de dados, adicionando o facto de que, por motivos do cumprimento do intervalo temporal estabelecido para a investigação, nem todas as informações recolhidas foram alvo de análise.

No que respeita ao estudo qualitativo, importa referir que este tipo de metodologia se encontra sujeita a enviesamentos induzidos por características do investigador, podendo comprometer a fidelidade do estudo (Creswell, 2009; Lima & Bernardes, 2017). Assim, com vista a obter resultados fiáveis, procurou realizar-se uma análise de dados rigorosa, guiada pelos procedimentos propostos por Gibbs (2007), nomeadamente no que respeita à verificação das transcrições, evitando possíveis erros; a certificação sobre manutenção dos significados dos códigos, através da comparação constante dos dados e da realização de pequenas notas sobre a definição de cada código; a inclusão de aspetos

negativos mencionados pelos participantes, considerando as diferentes perspetivas; e a supervisão por parte de um investigador sénior. Ainda, apesar de alguns autores considerarem falso o pressuposto de que existe uma análise totalmente completa dos dados, em que nenhum modelo teórico poderá ser absoluto (Low, 2019), nem todas as categorias apresentadas na Árvore Categorical Final foram alvo de saturação teórica, por motivos de tempo, podendo comprometer a generalização dos resultados para a população (Charmaz, 2006). Também pelo mesmo motivo, na análise temática realizada, não foi considerada a medição indireta das atitudes dos participantes, nomeadamente de natureza corporal, comportamental ou cognitiva (Lima & Correia, 2017).

9. Direções para futuras investigações

Para futuras investigações no âmbito da psicologia da família, que surjam do desejo de melhor compreender a relação entre a participação conjugal em GC e as variáveis em estudos, são sugeridas algumas indicações.

O facto de não existir literatura científica no âmbito da participação conjugal em GC, impossibilitou o estabelecimento de pontos guia para esta análise, refletindo-se numa investigação alargada, a nível de dimensões várias. Esta investigação possibilitou a identificação da relação entre a participação conjugal em GC e as dimensões em estudo, sendo interessante uma análise aprofundada, dedicada a cada uma das dimensões e/ou, especificadamente, a cada um dos processos percecionados pelos indivíduos advindos desta participação. Esses resultados contribuirão, certamente, para uma melhor compreensão e validação dos GC à luz da ciência, uma vez que uma grande parte dos processos encontrados (e.g. intimidade, suporte social) são já alvo de investigação pelas ciências da família, devido à importância que revelam no funcionamento familiar.

Por outro lado, o foco na relação entre a dimensão bem-estar individual também será interessante, procurando-se compreender, de forma mais profunda, a ausência de relação encontrada neste estudo entre as crenças e práticas religiosas e esta dimensão, não confirmando estudos anteriores (H. Koenig et al., 2012; Lucchetti & Lucchetti, 2014; Peres et al., 2018; Vanderstoep & Johnston, 2009).

Considerando os resultados positivos encontrados, que relacionam a participação conjugal em GC a diferentes benefícios conjugais, familiares e individuais, seria pertinente compreender os motivos que levam os casais crentes e praticantes da religião católica a não desejar participar nestes grupos. Tais resultados poderiam indiciar algumas características a serem mais bem desenvolvidas por parte destes grupos.

Por último, por motivos do cumprimento de prazos temporais para a concretização desta investigação, ficaram por explorar relações entre variáveis sociodemográficas e os resultados encontrados. Por exemplo, ao nível do número de filhos, do tempo de relacionamento do casal ou da situação relacional em que se encontram (casados ou em união de facto), sendo estes considerados pela literatura enquanto determinantes de algumas variáveis em estudo, destacando-se a satisfação conjugal e a generatividade do casal (Costa-Ramalho et al., 2021; Luckey & Koym Bain, 1970; Mitnick et al., 2009; Tavakol et al., 2017; Twenge & Campbell, 2003; Wilcox, 2005).

Conclusão

A importância da família sobre a formação da identidade, desenvolvimento e bem-estar de cada indivíduo é apresentada de forma bastante clara na literatura científica (Alarcão, 2002; Benson, 2005), onde se pretende compreender os diferentes fatores intervenientes desta relação. Autores demonstram a forte relação entre a qualidade da relação conjugal e o contexto familiar, influenciando o fortalecimento dos vínculos emocionais entre os familiares e a capacidade de cada família ultrapassar as exigências contextuais e do seu desenvolvimento que com se depara ao longo do ciclo de vida (Froyen et al., 2013; Pedro et al., 2015; Santos et al., 2017), onde se evidencia a pertinência da intervenção com foco sobre a promoção de relação conjugais saudáveis. Com este objetivo, encontram-se alguns programas de educação conjugal cientificamente validados (e.g. PREP) (Halford et al., 2003, 2008), contudo, não disponíveis, até à data, em Portugal.

A religião é vista por muitos enquanto um fator protetor da relação conjugal, sendo possível identificar uma extensa literatura existente no âmbito da religiosidade conjugal, a nível das crenças e práticas religiosas (Bertoni & Bodenmann, 2010; Fiese & Tomcho, 2001; Kelley et al., 2020; King et al., 2020; Lambert et al., 2012; Marsh & Dallos, 2000; Parise et al., 2017; Rauer & Volling, 2015). Considerando algumas propostas da igreja católica no âmbito do acompanhamento conjugal, importa aprofundar a real relação que estas demonstram com as famílias, revelando-se uma resposta aos casais que desejem investir no relacionamento conjugal.

Com o objetivo de responder à lacuna existente sobre o tema, contribuindo, com conhecimento científico, para as propostas atualmente existentes para os acompanhamento e amadurecimento das relações conjugais, nomeadamente no âmbito da igreja católica, a presente investigação propôs-se a compreender possíveis diferenças

entre três grupos de indivíduos ([i] não crentes em nenhuma religião ou sem prática religiosa; [ii] crentes e praticantes da religião católica, mas sem participação conjugal em GC; e [iii] crentes e praticantes da religião católica, com participação conjugal em GC) ao nível do bem-estar individual, da satisfação conjugal, da generatividade do casal e da percepção da experiência familiar, propondo ainda um aprofundamento sobre os processos associados que possam explicar as potenciais diferenças nas variáveis em estudo.

Os resultados do estudo, pioneiro nesta área, permitem validar a participação conjugal em GC enquanto um suporte, com variados benefícios percebidos, de acompanhamento dos casais, uma vez que a participação conjugal nestes grupos demonstrou estar positivamente relacionada com as dimensões em estudo.

Conclui-se que, os casais que participam em GC encontram-se mais satisfeitos com o casamento, demonstram uma maior abertura aos outros e ao mundo, percebem a experiência familiar de forma mais positiva e, indireta e conseqüentemente, revelam um maior bem-estar individual, tendo ainda sido possível identificar os processos associados a estes valores.

Referências

- Abdel-Khalek, A. M. (2020). Religiosity and Well-Being. In *Encyclopedia of Personality and Individual Differences* (pp. 4407–4415). Springer International Publishing. https://doi.org/10.1007/978-3-319-24612-3_2335
- Agate, S. T., Zabriskie, R. B., & Eggett, D. L. (2007). Praying, Playing, and Successful Families. *Marriage & Family Review*, 42(2), 51–75. https://doi.org/10.1300/J002v42n02_04
- Agu, S. A., & Nwankwo, B. E. (2019). Influence of religious commitment, intentionality in marriage and forgiveness on marital satisfaction among married couples. *IFE Psychology: An International Journal*, 27(2), 121–133.
- Alarcão, M. (2002). *(des)Equilíbrios Familiares* (2nd ed.). Quarteto Editora.
- Antunes, N., Vieira-Santos, S., Roberto, M. S., Francisco, R., Pedro, M. F., & Ribeiro, M. T. (2021). Portuguese Version of the Kansas Marital Satisfaction Scale: Preliminary Psychometric Properties. *Marriage and Family Review*, 57(7), 647–672. <https://doi.org/10.1080/01494929.2021.1887047>
- APA. (2022). *Well-being*. APA Dictionary of Psychology. <https://dictionary.apa.org/well-being>
- Barbera, F., Shi, H. X., Agarwal, A., & Edwards, M. (2020). The Family That Prays Together Stays Together: Toward a Process Model of Religious Value Transmission in Family Firms. *Journal of Business Ethics*, 163(4), 661–673. <https://doi.org/10.1007/s10551-019-04382-7>
- Benson, H. (2005). *What interventions strengthen family relationships? A review of the evidence*. www.bcft.co.uk
- Berc, G., Kokorić, S. B., & Sertić, A. D. (2017). Strengthening family cohesion through shared participation of family members in religious activities in Croatia. *Journal of Religion & Spirituality in Social Work: Social Thought*, 36(3), 326–345. <https://doi.org/10.1080/15426432.2017.1322931>
- Bertoni, A., & Bodenmann, G. (2010). Satisfied and Dissatisfied Couples. *European Psychologist*, 15(3), 175–184. <https://doi.org/10.1027/1016-9040/a000015>

- Bertoni, A., Parise, M., & Iafrate, R. (2012). Beyond Satisfaction: Generativity As a New Outcome of Couple Functioning. In P. Esposito & C. Lombardi (Eds.), *Marriage Psychological Implications, Social Expectations, and Role of Sexuality* (pp. 115–132). Nova Science.
- Bradbury, T. N., Fincham, F. D., & Beach, S. R. H. (2000). Research on the Nature and Determinants of Marital Satisfaction: A Decade in Review. In *Journal of Marriage and the Family* (Vol. 62).
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77–101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Caffarel, H. (2009). *Espiritualidade Conjugal: Uma palavra suspeita* (1st ed.). Lucerna.
- Carr, D., Freedman, V. A., Cornman, J. C., & Schwarz, N. (2014). Happy marriage, happy life? Marital quality and subjective well-being in later life. *Journal of Marriage and Family*, 76(5), 930–948. <https://doi.org/10.1111/jomf.12133>
- Carr, D., & Springer, K. W. (2010). Advances in families and health research in the 21st century. *Journal of Marriage and Family*, 72(3), 743–761. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2010.00728.x>
- Charmaz, K. (2006). *Constructing Grounded Theory: A Practical Guide through Qualitative Analysis*. SAGE Publications.
- Chung, J., & Monroe, G. S. (2003). Exploring Social Desirability Bias. *Journal of Business Ethics*, 44, 291–302. <https://doi.org/https://doi.org/10.1023/A:1023648703356>
- Cigoli, V., & Scabini, E. (2006). *Family Identity: Ties, Symbols, and Transitions* (1st ed.). Lawrence Erlbaum Associates, Inc., Publishers.
- Cohen, J. (1988). *Statistical Power Analysis for the Behavioral Sciences* (2nd ed.). Lawrence Erlbaum Associates.
- Coleman, L., Mitcheson, J., & Lloyd, G. (2013). Couple relationships: Why are they important for health and wellbeing? *Journal of Health Visiting*, 1(3), 168–172. <https://doi.org/10.12968/johv.2013.1.3.97597>

- Costa-Ramalho, S., Marques-Pinto, A., Ribeiro, M. T., & Pedro, M. (2021). Couple generativity scale: Translation, adaptation and study of psychometric properties of the portuguese version. *Revista Iberoamericana de Diagnostico y Evaluacion Psicologica*, 60(3), 71–80. <https://doi.org/10.21865/RIDEP60.3.06>
- Costa-Ramalho, S., & Rebelo-Pinto, H. (2021). *Pilares Invisíveis da Família: Construção e validação do “4Ever Family Questionnaire - Escala de avaliação da experiência familiar”* (J. M. P. Rodrigues, Ed.; Vol. 1). Dykinson, S.L.
- Cox, D., Jones, R. P., & Navarro--Rivera, J. (2003). *I Know What You Did Last Sunday: Measuring Social Desirability Bias in Self--Reported Religious Behavior, Belief, and Identity*. www.publicreligion.org
- Crespo, C., Kielpekowski, M., Pryor, J., & Jose, P. E. (2011). Family Rituals in New Zealand Families: Links to Family Cohesion and Adolescents' Well-Being. *Journal of Family Psychology*, 25(2), 184–193. <https://doi.org/10.1037/a0023113>
- Creswell, J. W. (2009). *Research Design: Qualitative, Quantitative and Mixed Methods Approaches* (3rd ed.). SAGE Publications, Inc.
- Csilla, L., & Martos, T. (2019). The Role of Religiosity in Intimate Relationships. *European Journal of Mental Health*, 14(2), 260–279. <https://doi.org/10.5708/EJMH.14.2019.2.3>
- du Plooy, K., & de Beer, R. (2018). Effective interactions: Communication and high levels of marital satisfaction. *Journal of Psychology in Africa*, 28(2), 161–167. <https://doi.org/10.1080/14330237.2018.1435041>
- ENS. (2022). *O Movimento*. <https://ens.pt/o-movimento/>
- ENS, E. de N. S. (2007). *A Carta*.
- ENS, E. de N. S. (2021). *Temas de estudo*. <https://ens.pt/temas-de-estudo/>
- Fahimdanesh, F., Noferesti, A., & Tavakol, K. (2020). Self-Compassion and Forgiveness: Major Predictors of Marital Satisfaction in Young Couples. *American Journal of Family Therapy*, 48(3), 221–234. <https://doi.org/10.1080/01926187.2019.1708832>

- Faul, F., Erdfelder, E., Lang, A.-G., & Buchner, A. (2007). *G*Power 3: A flexible statistical power analysis program for the social, behavioral, and biomedical sciences*.
- Fiese, B. H., & Tomcho, T. J. (2001). Finding Meaning in Religious Practices: The Relation Between Religious Holiday Rituals and Marital Satisfaction. *Journal of Family Psychology, 15*(4), 597–609. <https://doi.org/10.1037//0893-3200.15.4.597>
- Fosco, G. M., Caruthers, A. S., Dishion, T. J., Fosco, M., & Henderson Building, S. (2012). A Six-Year Predictive Test of Adolescent Family Relationship Quality and Effortful Control Pathways to Emerging Adult Social and Emotional Health. *Journal of Family Psychology, 26*(4), 565–575. <https://doi.org/10.1037/a0028873>
- Froyen, L. C., Skibbe, L. E., Bowles, R. P., Blow, A. J., & Gerde, H. K. (2013). Marital Satisfaction, Family Emotional Expressiveness, Home Learning Environments, and Children's Emergent Literacy. *Journal of Marriage and Family, 75*(1), 42–55. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2012.01035.x>
- Gibbs, G. R. (2007). Analyzing Qualitative Data. In U. Flick (Ed.), *The Sage qualitative research kit* (pp. 90–104). SAGE Publications, Ltd. <https://doi.org/10.4135/9781849208574.n7>
- Grimm, P. (2010). Social desirability bias. *Wiley International Encyclopedia of Marketing*. <https://doi.org/https://doi.org/10.1002/9781444316568.wiem02057>
- Halford, W. K., Markman, H. J., Kline, G. H., & Stanley, S. M. (2003). BEST PRACTICE IN COUPLE RELATIONSHIP EDUCATION. *Journal of Marital and Family Therapy, 29*(3), 385–406. www.aamft.org
- Halford, W. K., Markman, H. J., & Stanley, S. (2008). Strengthening Couples' Relationships With Education: Social Policy and Public Health Perspectives. *Journal of Family Psychology, 22*(4), 497–505. <https://doi.org/10.1037/a0012789>
- Hickman-Evans, C., Higgins, J. P., Aller, T. B., Chavez, J., & Piercy, K. W. (2018). Newlywed Couple Leisure: Couple Identity Formation Through Leisure Time. *Marriage & Family Review, 54*(2), 105–127. <https://doi.org/10.1080/01494929.2017.1297756>

- Holdcroft, B. (2006). What is religiosity? *Catholic Education: A Journal of Inquiry and Practice*, 10(1), 89–103.
- Howitt, D., & Cramer, D. (2020). *Research Methods in Psychology* (6th ed.). Pearson.
- IMB Corp. Released 2021. (n.d.). *IBM SPSS Statistics for Windows, Version 28.0*. IBM Corp. <https://www.ibm.com/spss>
- Jones, A. E., & Elliott, M. (2017). Examining Social Desirability in Measures of Religion and Spirituality Using the Bogus Pipeline. *Review of Religious Research*, 59(1), 47–64. <https://doi.org/10.1007/s13644-016-0261-6>
- Jorgensen, B. L., Mancini, J. A., Yorgason, J., & Day, R. (2016). Religious Beliefs, Practices, and Family Strengths: A Comparison of Husbands and Wives. *Psychology of Religion and Spirituality*, 8(2), 164–174. <https://doi.org/10.1037/rel0000052>
- Kasalova, P., Prasko, J., Holubová, M., Vrbova, K., Zmeskalova, D., Slepecky, M., & Grambal, A. (2017). Anxiety disorders and marital satisfaction. *Neuroendocrinol Lett*, 38(8), 555–564. www.nel.edu
- Kazim, S. M., & Rafique, R. (2021). Predictors of marital satisfaction in individualistic and collectivist cultures: a mini review. *Journal of Research in Psychology*, 3(1), 55–67.
- Kelley, H. H., Marks, L. D., & Dollahite, D. C. (2020). Uniting and dividing influences of religion in marriage among highly religious couples. *Psychology of Religion and Spirituality*, 12(2), 167–177. <https://doi.org/10.1037/rel0000262>
- Kerig, P. K. (1995). Triangles in the Family Circle: Effects of Family Structure on Marriage, Parenting, and Child Adjustment. In *Journal of Family Psychology* (Vol. 9, Issue 1).
- Kim-Prieto, C., Diener, E., Tamir, M., Scollon, C., & Diener, M. (2005). Integrating the diverse definitions of happiness: A time-sequential framework of subjective well-being. *Journal of Happiness Studies*, 6(3), 261–300. <https://doi.org/10.1007/s10902-005-7226-8>
- Kim-Prieto, C., & Miller, L. (2018). Intersection of Religion and Subjective Well-Being. In E. Diener, S. Oishi, & L. Tay (Eds.), *Handbook of well-being*. DEF Publishers. <https://doi.org/nobascholar.com>

- King, V., Wickrama, K. A. S., & Beach, S. R. H. (2020). Religiosity and Joint Activities of Husbands and Wives in Enduring Marriages. *Psychology of Religion and Spirituality*. <https://doi.org/10.1037/rel0000370>
- Koenig, H. G. (2012). Religion, Spirituality, and Health: The Research and Clinical Implications. *ISRN Psychiatry*, 2012, 1–33. <https://doi.org/10.5402/2012/278730>
- Koenig, H., King, D., & B. Carson, V. (2012). *Handbook of Religion and Health* (2nd ed.). Oxford University Press.
- Lambert, N. M., Fincham, F. D., Lavalley, D. C., & Brantley, C. W. (2012). Praying together and staying together: Couple prayer and trust. *Psychology of Religion and Spirituality*, 4(1), 1–9. <https://doi.org/10.1037/a0023060>
- Larson, J. H., & Holman, T. B. (1994). *Premarital Predictors of Marital Quality and Stability* (Vol. 43, Issue 2). <https://about.jstor.org/terms>
- Lee, N., & Lee, S. (2009). Case Study: The Marriage Course. In H. Benson & S. Callan (Eds.), *What Works in Relationship Education: Lessons from academics and service deliverers in the United States and Europe* (pp. 117–120). Doha, Qatar: Doha International Institute for Family Studies and Development.
- Lima, M. L., & Bernardes, S. (2017). Métodos de investigação em psicologia social . In J. Vala & M. B. Monteiro (Eds.), *Psicologia Social* (10th ed., pp. 1–41). Fundação Calouste Gulbenkian .
- Lima, M. L., & Correia, I. (2017). Atitudes: medida, estrutura e funções. In J. Vala & M. B. Monteiro (Eds.), *Psicologia Social* (10th ed., pp. 201–243). Fundação Calouste Gulbenkian .
- Low, J. (2019). A Pragmatic Definition of the Concept of Theoretical Saturation. *Sociological Focus*, 52(2), 131–139. <https://doi.org/10.1080/00380237.2018.1544514>
- Lucchetti, G., & Lucchetti, A. L. G. (2014). Spirituality, religion, and health: Over the last 15 years of field research (1999-2013). *International Journal of Psychiatry in Medicine*, 48(3), 199–215. <https://doi.org/10.2190/PM.48.3.e>

- Luckey, E. B., & Koym Bain, J. (1970). Children: A Factor in Marital Satisfaction. In *Source: Journal of Marriage and Family* (Vol. 32, Issue 1). <http://www.jstor.org> URL: <http://www.jstor.org/stable/349970>
- Lui, M., Lau, G. K., Tam, V. C., Chiu, H. M., Li, S. S., & Sin, K. F. (2020). Parents' Impact on Children's School Performance: Marital Satisfaction, Parental Involvement, and Mental Health. *Journal of Child and Family Studies*, 29(6), 1548–1560. <https://doi.org/10.1007/s10826-019-01655-7>
- Markman, H. J., & Stanley, S. M. (2015). PREP for Strong Bonds: A Review of Outcomes from a Randomized Clinical Trial. *Contemporary Family Therapy*, 37(3), 232–246. <https://doi.org/10.1007/s10591-014-9325-3>
- Marsh, R., & Dallos, R. (2000). *Religious Beliefs and Practices and Catholic Couples' Management of Anger and Conflict*. 22–36.
- Mitnick, D. M., Heyman, R. E., & Smith Slep, A. M. (2009). Supplemental Material for Changes in Relationship Satisfaction Across the Transition to Parenthood: A Meta-Analysis. *Journal of Family Psychology*, 23(6), 848–852. <https://doi.org/10.1037/a0017004.supp>
- Movimento Apostólico de Shoenstatt. (2022). *Liga das Famílias de Schoenstatt*. <https://schoenstatt.org.br/home/org/organizacao/liga-de-familias-de-schoenstatt/>
- Oginyi, R. C. N., Ofoke, S. M., & Francis, C. (2015). Religiosity, forgiveness and psychological well-being as predictors of marital satisfaction among academic staff of Ebonyi State University, South Eastern, Nigeria. *Journal of Education Research and Behavioral Sciences*, 4(12), 306–215.
- Olson, D. H., & Gorall, D. M. (2003). Circumplex model of marital and family systems. In F. Walsh (Ed.), *Normal family processes: Growing diversity and complexity* (3rd ed., pp. 514–548). The Guilford Press. <https://doi.org/10.4324/9780203428436>
- Pallant, J. (2005). *SPSS Survival Manual: a step by step guide to data analysis using SPSS for Windows (Version 12)* (2nd ed.). Allen & Unwin. www.allenandunwin.com/spss.htm

- Papa Francisco. (2013). O diálogo entre a fé, a razão e as ciências. In *A Alegria do Evangelho - Exortação Apostólica Evangelii Gaudium* (pp. 181–183). Paulus Editora.
- Parise, M., Gatti, F., & Iafrate, R. (2017). Religiosity, Marital Quality and Couple Generativity in Italian Couples Belonging to a Catholic Spiritual Association: A Quali-Quantitative Study. *Journal of Religion and Health*, 56(5), 1856–1869. <https://doi.org/10.1007/s10943-016-0346-0>
- Pedro, M. F., Ribeiro, T., & Shelton, K. H. (2012). Marital satisfaction and partners' parenting practices: The mediating role of coparenting behavior. *Journal of Family Psychology*, 26(4), 509–522. <https://doi.org/10.1037/a0029121>
- Pedro, M. F., Ribeiro, T., & Shelton, K. H. (2015). Romantic Attachment and Family Functioning: The Mediating Role of Marital Satisfaction. *Journal of Child and Family Studies*, 24(11), 3482–3495. <https://doi.org/10.1007/s10826-015-0150-6>
- Peres, M. F. P., Kamei, H. H., Tobo, P. R., & Lucchetti, G. (2018). Mechanisms Behind Religiosity and Spirituality's Effect on Mental Health, Quality of Life and Well-Being. *Journal of Religion and Health*, 57(5), 1842–1855. <https://doi.org/10.1007/s10943-017-0400-6>
- Ponto SJ. (2022). *O que é a CVX?* <https://pontosj.pt/cvxp/quem-somos/>
- Proulx, C. M., Helms, H. M., & Buehler, C. (2007). Marital Quality and Personal Well-Being: A Meta-Analysis. *Journal of Marriage and Family*, 69(3), 576–593.
- Qualtrics. (2022). <https://www.qualtrics.com>
- Rauer, A., & Volling, B. (2015). The role of relational spirituality in happily-married couples' observed problem-solving. *Psychology of Religion and Spirituality*, 7(3), 239–249. <https://doi.org/10.1037/rel0000022>
- Rebelo Pinto, H., & Ribeiro, T. (2016). Família: intimidade, coesão, continuidade e transcendência. In H. Rebelo Pinto & J. M. Sardica (Eds.), *Família: essência e multidisciplinaridade* (1st ed., pp. 176–195). Universidade Católica Editora.
- Robles, T. F., Slatcher, R. B., Trombello, J. M., & McGinn, M. M. (2014). Marital Quality and Health: A Meta-Analytic Review. *Psychological Bulletin*, 140(1), 140–187.

- Santos, S., Crespo, C., Canavarro, M. C., & Kazak, A. E. (2017). Parents' romantic attachment predicts family ritual meaning and family cohesion among parents and their children with cancer. *Journal of Pediatric Psychology*, 42(1), 114–124. <https://doi.org/10.1093/jpepsy/jsw043>
- Scabini, E. (2016). FAMILY RELATIONSHIPS: A LONG-LASTING SOURCE OF WELL-BEING. In *Community Psychology in Global Perspective CPGP* (Vol. 2). <https://doi.org/10.1285/i24212113v2i1p36>
- Schumm, W. R., Anderson, S. A., Benigas, J. E., Mccutchen, M. B., Griffin, C. L., Morris, J. E., & Race, G. S. (1985). CRITERION-RELATED VALIDITY OF THE KANSAS MARITAL SATISFACTION SCALE. In *Psychological Reports* (Vol. 56).
- Seligman, M. (2011). The Elements of Well-Being. In M. Seligman (Ed.), *Flourish: A Visionary New Understanding of Happiness and Well-being* (pp. 16–18). Free Press.
- Seo, M. (2020). Longitudinal profiles of marital satisfaction and their consequences among Korean couples. *Journal of Family Studies*. <https://doi.org/10.1080/13229400.2020.1815556>
- Tavakol, Z., Nasrabadi, A. N., Behboodi, Z., 1*, M., Salehiniya, H., Rezaei, E., & Moghadam, Z. B. (2017). A Review of the Factors Associated with Marital Satisfaction. *GMJ*, 6(3), 197–207. <https://doi.org/10.22086/gmj.v0i0.641>
- Timmerman, G. M. (1991). A concept analysis of intimacy. *Issues in Mental Health Nursing*, 12(1), 19–30. <https://doi.org/10.3109/01612849109058207>
- Topp, C. W., Østergaard, S. D., Søndergaard, S., & Bech, P. (2015). The WHO-5 well-being index: A systematic review of the literature. *Psychotherapy and Psychosomatics*, 84(3), 167–176. <https://doi.org/10.1159/000376585>
- Twenge, J. M., & Campbell, W. K. (2003). Parenthood and Marital Satisfaction: A Meta-Analytic Review. In *Journal of Marriage and Family* (Vol. 65).
- van Cappellen, P., Toth-Gauthier, M., Saroglou, V., & Fredrickson, B. L. (2016). Religion and Well-Being: The Mediating Role of Positive Emotions. *Journal of Happiness Studies*, 17(2), 485–505. <https://doi.org/10.1007/s10902-014-9605-5>

- Vanderstoep, S. W., & Johnston, D. D. (2009). *Research Methods for Everyday Life: Blending Qualitative and Quantitative Approaches* (1st ed.). Jossey-Bass.
- VERBI Software. (2019). *MAXQDA 2022*. VERBI Software. <https://www.maxqda.com/>
- Wijaya, A. P., & Widyaningsih, Y. A. (2021). The Role of Dyadic Cohesion on Secure Attachment Style toward Marital Satisfaction: A Dyadic Analysis on Couple Vacation Decision. *Journal of Quality Assurance in Hospitality and Tourism*, 22(1), 119–142. <https://doi.org/10.1080/1528008X.2020.1756022>
- Wilcox, W. B. (2005). *Why Marriage Matter: Twenty-Six Conclusions from the Social Sciences*.
- Williamson, H. C., Altman, N., Hsueh, J. A., & Bradbury, T. N. (2016). Effects of relationship education on couple communication and satisfaction: A randomized controlled trial with low-income couples. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 84(2), 156–166. <https://doi.org/10.1037/ccp0000056>
- Wilson, C. M., & Oswald, A. J. (2005). *How Does Marriage Affect Physical and Psychological Health? A Survey of the Longitudinal Evidence*.
- Xiang, G., Li, Q., Du, X., Liu, X., Xiao, M., & Chen, H. (2022). Links between family cohesion and subjective well-being in adolescents and early adults: The mediating role of self-concept clarity and hope. *Current Psychology*, 41(1), 76–85. <https://doi.org/10.1007/s12144-020-00795-0>
- Zierau, F., Bille, A., Rutz, W., & BECH Zierau, P. F. (2002). *The Gotland Male Depression Scale: A validity study in patients with alcohol use disorder*.
- Zinck, K., & Neel, J. (2020). A Study of Generative Partnership. *Adultspan Journal*, 19(1), 22–38. <https://doi.org/10.1002/adsp.12085>

Apêndices

Apêndice A. Protocolo de investigação do estudo quantitativo

Início do bloco: Consentimento informado

Q51 A presente investigação, para a qual é pedida a sua colaboração, integra-se no âmbito da Dissertação de Mestrado em Psicologia do Bem-Estar e Promoção da Saúde, na Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa, realizada por Leonor Nápoles e orientada pela Professora Doutora Susana Costa Ramalho. Com este estudo pretende-se uma melhor compreensão e aprofundamento das diferentes experiências familiares dos casais portugueses. Assim, torna-se um requisito o participante ser maior de idade e estar casado(a) ou em união de facto.

O seu contributo será bastante valorizado, consistindo na resposta a um questionário, que tem a duração de cerca de 10/12 minutos. A participação é voluntária e a decisão de não participar não tem qualquer consequência, podendo desistir a qualquer momento, se assim o desejar. Garantimos o total anonimato e confidencialidade de toda a informação recolhida. Poderá esclarecer qualquer dúvida e/ou obter informações sobre a investigação através do endereço de email: leonor.n99@gmail.com

Ao selecionar a opção seguinte, declara que leu e aceitou as condições acima descritas, que é maior de idade e que se encontra atualmente casado ou em união de facto.

Muito obrigada pela colaboração!

- Declaro que SOU MAIOR DE IDADE, CASADO(A)/ EM UNIÃO DE FACTO e que li as condições da presente investigação, na qual aceito participar. (1)

Fim do bloco: Consentimento informado

Início do bloco: Questionário socio-demográfico

Q1 Género

- Feminino (1)
- Masculino (2)

Q2 Idade

- Em anos (1) _____

Q13 Distrito/região autónoma de residência

Viana do Castelo (1)

Braga (2)

Vila Real (3)

Bragança (4)

Porto (5)

Aveiro (6)

Viseu (7)

Guarda (8)

Coimbra (9)

Castelo Branco (10)

Leiria (11)

Santarém (12)

Lisboa (13)

Portalegre (14)

Setúbal (15)

Beja (16)

Évora (21)

Faro (17)

Açores (18)

- Madeira (19)
- Resido no Estrangeiro (20)

Q5 Escolaridade

- 4º ano (1)
- 9º ano (2)
- 12º ano (3)
- Curso profissional (4)
- Licenciatura (5)
- Licenciatura pré-Bolonha/ Mestrado (6)
- Mestrado pré-Bolonha (7)
- Doutoramento (8)
- Pós-doutoramento (9)

Q14 Situação profissional

- Estudante (1)
- Trabalhador estudante (2)
- Trabalho por conta própria (3)
- Trabalho por conta de outrem (4)
- Sem trabalho fora de casa, por opção (5)
- Desempregado/a (6)

Reformado/a (7)

Q3 Estado civil

Casado/a (2)

Em união de facto (3)

Fim do bloco: Questionário socio-demográfico

Início do bloco: Casamento ou união de facto

Q29 A relação em que me encontro atualmente é:

O meu primeiro casamento/união de facto (1)

O meu segundo casamento/ união de facto ou subsequentes (2)

Q22 Há quanto tempo se encontra casado ou em união de facto?

Caso seja há menos de um ano, assinale o número de meses na segunda linha.

Anos (1) _____

Meses (responder apenas no caso de ser há menos de 1 ano) (2)

Q27 Qual foi a duração do namoro antes do casamento/ união de facto?

- Menos de 6 meses (1)
- Entre 6 meses e 1 ano e meio (2)
- Entre 1 ano e meio e 3 anos (3)
- Entre 3 e 5 anos (4)
- Entre 5 e 7 anos (5)
- Mais do que 7 anos (6)

Q25 Caso se aplique, indique o número de filhos que tem e as respetivas idades.

- Nº de filhos: (1) _____
- Idades: (2) _____

Q23 Em casal, participam em algum grupo ou atividade regular? (ex: voluntariado; desporto)

- Sim. Qual?: (1) _____
- Não (2)

Fim do bloco: Casamento ou união de facto

Início do bloco: Crenças religiosas

Q19 Considera-se crente em alguma religião?

- Sim. Qual: (1) _____
- Não (2)
- Não sei (3)

Fim do bloco: Crenças religiosas

Início do bloco: Questões para indivíduos crentes

Q20 Com que frequência atende a alguma liturgia? (ex: Missa)

- Diariamente (1)
- Semanalmente (2)
- Mensalmente (3)
- Anualmente (4)
- Nunca (5)

Q26 Como casal, pertencem ou participam em algum dos seguintes grupos da Igreja (selecione uma ou mais opções, conforme se adequar, e por favor, especifique)?

Grupo de oração/reflexão (1)

Grupo litúrgico (2)

Grupo socio caritativo (3)

Movimento laical (4)

Outros: (5) _____

Q21 Em casal, participa em algum dos seguintes grupos/movimentos, há pelo menos 12 meses, participando em reuniões/encontros com a frequência regular de 1 vez por mês? Caso a pergunta não se adeque, por favor ignore esta questão.

- Equipas de Nossa Senhora (1)
- O Arco - Movimento de Schoenstatt (2)
- Famílias Novas - Movimento dos Focolares (3)
- Movimento por um Lar Cristão (12)
- Caminho Neocatecumenal (4)
- Cursos para Casais "Ela & Ele" - Cursos Alpha (13)
- CENOFA (14)
- Família Missionária Verbum Dei (6)
- Movimento Encontro Matrimonial (7)
- Outro: (5) _____

Q57 Em caso afirmativo, há quanto tempo participam como casal neste grupo?

Fim do bloco: Questões para indivíduos crentes

Início do bloco: Índice de Bem-Estar da OMS

Q10 Indique, por favor, para cada uma das cinco afirmações, a que se aproxima mais do modo como se tem sentido nas últimas duas semanas. Note que os números maiores indicam maior bem-estar.

Exemplo: Se ao longo das últimas duas semanas se sentiu alegre e bem disposto/a durante mais de metade do tempo, coloque uma cruz no quadrado com o número 3.

Q52 Senti-me alegre e bem disposto/a.

- 5 - Todo o tempo (1)
- 4 - A maior parte do tempo (2)
- 3 - Mais de metade do tempo (3)
- 2 - Menos de metade do tempo (4)
- 1 - Algumas vezes (5)
- 0 - Nunca (6)

Q53 Senti-me calmo/a e tranquilo/a.

- 5 - Todo o tempo (1)
- 4 - A maior parte do tempo (2)
- 3 - Mais de metade do tempo (3)
- 2 - Menos de metade do tempo (4)
- 1 - Algumas vezes (5)
- 0 - Nunca (6)

Q54 Senti-me ativo/a e enérgico/a.

- 5 - Todo o tempo (1)
- 4 - A maior parte do tempo (2)
- 3 - Mais de metade do tempo (3)
- 2 - Menos de metade do tempo (4)
- 1 - Algumas vezes (5)
- 0 - Nunca (6)

Q55 Acordei a sentir-me fresco/a e repousado/a.

- 5 - Todo o tempo (1)
- 4 - A maior parte do tempo (2)
- 3 - Mais de metade do tempo (3)
- 2 - Menos de metade do tempo (4)
- 1 - Algumas vezes (5)
- 0 - Nunca (6)

Q56 O meu dia-a-dia tem sido preenchido com coisas que me interessam.

- 5 - Todo o tempo (1)
- 4 - A maior parte do tempo (2)
- 3 - Mais de metade do tempo (3)
- 2 - Menos de metade do tempo (4)
- 1 - Algumas vezes (5)
- 0 - Nunca (6)

Fim do bloco: Índice de Bem-Estar da OMS

Início do bloco: Escala de satisfação conjugal de KANSAS

Q49 Por favor, avalie o grau de satisfação com a relação de casal que tem atualmente com o(a) seu/sua companheiro(a):

Tenha por favor em atenção que a escala de resposta é diferente em cada questionário.

Q50 Em que medida está satisfeito(a) com a sua relação de casal?

- 1- Extremamente insatisfeito/a (1)
- 2- Muito insatisfeito/a (2)
- 3- Moderadamente insatisfeito/a (3)
- 4- Nem insatisfeito/a nem satisfeito/a (4)
- 5- Moderadamente satisfeito/a (5)
- 6- Muito satisfeito/a (6)
- 7- Extremamente satisfeito/a (7)

Q52 Em que medida está satisfeito(a) com o(a) seu/sua companheiro(a) enquanto cônjuge?

- 1- Extremamente insatisfeito/a (1)
- 2- Muito insatisfeito/a (2)
- 3- Moderadamente insatisfeito/a (3)
- 4- Nem insatisfeito/a nem satisfeito/a (4)
- 5- Moderadamente satisfeito/a (5)
- 6- Muito satisfeito/a (6)
- 7- Extremamente satisfeito/a (7)

Q53 Em que medida está satisfeito(a) com a relação que tem com o(a) seu/sua companheiro(a)?

- 1- Extremamente insatisfeito/a (1)
- 2- Muito insatisfeito/a (2)
- 3- Moderadamente insatisfeito/a (3)
- 4- Nem insatisfeito/a nem satisfeito/a (4)
- 5- Moderadamente satisfeito/a (5)
- 6- Muito satisfeito/a (6)
- 7- Extremamente satisfeito/a (7)

Fim do bloco: Escala de satisfação conjugal de KANSAS

Início do bloco: Escala de Generatividade do casal

Q55 Nesta secção pedimos-lhe que considere aquela que pensa ser a perspetiva do "vosso casal" sobre um conjunto de questões.

Q12 1- Estamos comprometidos enquanto casal com a nossa comunidade.

- 1- Discordo completamente (1)
- 2- Discordo (2)
- 3- Não concordo nem discordo (3)
- 4- Concordo (4)
- 5- Concordo completamente (5)

Q43

2- É importante para nós enquanto casal cuidarmos das relações com os nossos familiares.

- 1- Discordo completamente (1)
- 2- Discordo (2)
- 3- Não concordo nem discordo (3)
- 4- Concordo (4)
- 5- Concordo completamente (5)

Q44

3- Pensamos que a nossa experiência como casal pode ser útil para outras pessoas.

- 1- Discordo completamente (1)
- 2- Discordo (2)
- 3- Não concordo nem discordo (3)
- 4- Concordo (4)
- 5- Concordo completamente (5)

Q45

4- Gostaríamos de um dia olhar para trás, para a nossa vida como casal, e constatar que juntos realizámos muitos projetos.

- 1- Discordo completamente (1)
- 2- Discordo (2)
- 3- Não concordo nem discordo (3)
- 4- Concordo (4)
- 5- Concordo completamente (5)

Q46

5- Os nossos amigos pedem-nos muitas vezes conselhos como casal.

- 1- Discordo completamente (1)
- 2- Discordo (2)
- 3- Não concordo nem discordo (3)
- 4- Concordo (4)
- 5- Concordo completamente (5)

Q47

6- Gostaríamos de transmitir os nossos valores e todas as coisas boas que recebemos aos nossos filhos.

- 1- Discordo completamente (1)
- 2- Discordo (2)
- 3- Não concordo nem discordo (3)
- 4- Concordo (4)

5- Concordo completamente (5)

Q48

7- Como casal, somos um ponto de referência para os nossos amigos.

1- Discordo completamente (1)

2- Discordo (2)

3- Não concordo nem discordo (3)

4- Concordo (4)

5- Concordo completamente (5)

Fim do bloco: Escala de Generatividade do casal

Início do bloco: 4EverFamilyQuestionnaire

Q54 Pense na sua família próxima (pais, irmãos, avós ou outros familiares que considere próximos) e procure caracterizar a forma como a vê na atualidade.

Não existem respostas certas ou erradas. Gostaríamos de conhecer a forma como “vê” a sua família. Não se preocupe agora com o que “gostaria que fosse” ou com o que “pensa que deveria ser”.

Leia as afirmações que se seguem e assinale em que medida considera que se aplicam à sua família atual. Use uma escala de 5 pontos em que: 1 corresponde a “nunca ou quase nunca”; 2

corresponde a “poucas vezes”; 3 corresponde “às vezes”; 4 corresponde “muitas vezes”; 5 corresponde “sempre ou quase sempre”.

Q24

1- Na minha família partilhamos o que nos preocupa.

- 1 - Nunca ou quase nunca (1)
- 2 - Poucas vezes (2)
- 3 - Às vezes (3)
- 4 - Muitas vezes (4)
- 5 - Sempre ou quase sempre (5)

Q26 2- Na minha família confiamos uns nos outros.

- 1 - Nunca ou quase nunca (1)
- 2 - Poucas vezes (2)
- 3 - Às vezes (3)
- 4 - Muitas vezes (4)
- 5 - Sempre ou quase sempre (5)

Q27 3- Na minha família mantemo-nos unidos mesmo em situações de desacordo/conflito.

- 1 - Nunca ou quase nunca (1)
- 2 - Poucas vezes (2)
- 3 - Às vezes (3)
- 4 - Muitas vezes (4)
- 5 - Sempre ou quase sempre (5)

Q28 4- Na minha família sentimo-nos responsáveis e contamos uns com os outros.

- 1 - Nunca ou quase nunca (1)
- 2 - Poucas vezes (2)
- 3 - Às vezes (3)
- 4 - Muitas vezes (4)
- 5 - Sempre ou quase sempre (5)

Q29 5- Na minha família valorizamos a interação das diferentes gerações familiares.

- 1 - Nunca ou quase nunca (1)
- 2 - Poucas vezes (2)
- 3 - Às vezes (3)
- 4 - Muitas vezes (4)
- 5 - Sempre ou quase sempre (5)

Q30 6- Na minha família temos a preocupação de construir alguma coisa para além de nós próprios.

- 1 - Nunca ou quase nunca (1)
- 2 - Poucas vezes (2)
- 3 - Às vezes (3)
- 4 - Muitas vezes (4)
- 5 - Sempre ou quase sempre (5)

Q31 7- Na minha família gostamos de estar juntos.

- 1 - Nunca ou quase nunca (1)
- 2 - Poucas vezes (2)
- 3 - Às vezes (3)
- 4 - Muitas vezes (4)
- 5 - Sempre ou quase sempre (5)

Q32 8- Na minha família sentimo-nos próximos uns dos outros.

- 1 - Nunca ou quase nunca (1)
- 2 - Poucas vezes (2)
- 3 - Às vezes (3)
- 4 - Muitas vezes (4)
- 5 - Sempre ou quase sempre (5)

Q33 9- Na minha família apreciamos celebrar juntos os acontecimentos individuais e familiares.

- 1 - Nunca ou quase nunca (1)
- 2 - Poucas vezes (2)
- 3 - Às vezes (3)
- 4 - Muitas vezes (4)
- 5 - Sempre ou quase sempre (5)

Q34 10- Na minha família procuramos ajustar-nos para ir ao encontro das necessidades de cada um.

- 1 - Nunca ou quase nunca (1)
- 2 - Poucas vezes (2)
- 3 - Às vezes (3)
- 4 - Muitas vezes (4)
- 5 - Sempre ou quase sempre (5)

Q35 11- Na minha família sentimo-nos parte duma família que tem uma história própria.

- 1 - Nunca ou quase nunca (1)
- 2 - Poucas vezes (2)
- 3 - Às vezes (3)
- 4 - Muitas vezes (4)
- 5 - Sempre ou quase sempre (5)

Q36 12- Na minha família sentimo-nos comprometidos com o mundo em que vivemos.

- 1 - Nunca ou quase nunca (1)
- 2 - Poucas vezes (2)
- 3 - Às vezes (3)
- 4 - Muitas vezes (4)
- 5 - Sempre ou quase sempre (5)

Q37 13- Na minha família sentimo-nos compreendidos uns pelos outros.

- 1 - Nunca ou quase nunca (1)
- 2 - Poucas vezes (2)
- 3 - Às vezes (3)
- 4 - Muitas vezes (4)
- 5 - Sempre ou quase sempre (5)

Q38 14- Na minha família, é na família que primeiro procuramos apoio.

- 1 - Nunca ou quase nunca (1)
- 2 - Poucas vezes (2)
- 3 - Às vezes (3)
- 4 - Muitas vezes (4)
- 5 - Sempre ou quase sempre (5)

Q39 15- Na minha família, cada pessoa reconhece-se parte daquele grupo familiar.

- 1 - Nunca ou quase nunca (1)
- 2 - Poucas vezes (2)
- 3 - Às vezes (3)
- 4 - Muitas vezes (4)
- 5 - Sempre ou quase sempre (5)

Q40 16- Na minha família sabemos de onde vimos e para onde queremos ir.

- 1 - Nunca ou quase nunca (1)
- 2 - Poucas vezes (2)
- 3 - Às vezes (3)
- 4 - Muitas vezes (4)
- 5 - Sempre ou quase sempre (5)

Q41 17- Na minha família aprendemos juntos como podemos ter um papel ativo na sociedade.

- 1 - Nunca ou quase nunca (1)
- 2 - Poucas vezes (2)
- 3 - Às vezes (3)
- 4 - Muitas vezes (4)
- 5 - Sempre ou quase sempre (5)

Q42 18- Na minha família valorizamos a dimensão espiritual e/ou religiosa de cada um e da família em conjunto.

- 1 - Nunca ou quase nunca (1)
- 2 - Poucas vezes (2)
- 3 - Às vezes (3)
- 4 - Muitas vezes (4)
- 5 - Sempre ou quase sempre (5)

Q59 19- Na minha família, as decisões individuais levam em conta os interesses da família.

- 1 - Nunca ou quase nunca (1)
- 2 - Poucas vezes (2)
- 3 - Às vezes (3)
- 4 - Muitas vezes (4)
- 5 - Sempre ou quase sempre (5)

Q60 20- Na minha família, é importante para nós cuidarmos de outras relações para além da família.

- 1 - Nunca ou quase nunca (1)
- 2 - Poucas vezes (2)
- 3 - Às vezes (3)
- 4 - Muitas vezes (4)
- 5 - Sempre ou quase sempre (5)

Fim do bloco: 4EverFamilyQuestionnaire

Início do bloco: Finalização

Q17 Muito obrigada pelo tempo e disponibilidade dedicados a responder ao presente questionário.

No âmbito da presente investigação, serão ainda realizadas entrevistas, com o intuito de melhor compreender diferentes aspetos da experiência conjugal e familiar em casais que integram grupos para casais no contexto da Igreja. Caso participe em algum destes grupos e deseje colaborar nesta segunda parte do estudo, por favor, deixe o seu contacto para que consigamos agendar uma entrevista.

Caso não seja do seu interesse participar na entrevista, ou não cumpra o critério de pertença a estes grupos, agradecemos mais uma vez a valiosa contribuição e desejamos a continuação de um bom dia.

- Quero terminar aqui a minha contribuição para a presente investigação. (1)
- Gostaria de ser contactado para a segunda parte da investigação e cumpro o requisito de participar num grupo para casais no contexto da Igreja. (2)
-

Quebra de
página

Fim do bloco: Finalização

Início do bloco: Estudo qualitativo

Q61 Sou participante num grupo de casais no contexto da Igreja e autorizo ser contactado para uma entrevista, deixando o meu contacto (telefónico ou de e-mail) e consentindo a utilização do mesmo para este fim.

Fim do bloco: Estudo qualitativo

Apêndice B. Guião da entrevista

Blocos temáticos	Objetivos gerais	Objetivos específicos	Perguntas-tipo	
Introdução: disponibilização e recolha de informação geral	Agradecimentos e apresentação da entrevistadora	Agradecer a participação Apresentar a entrevistadora		
	Dar a conhecer o estudo e seus objetivos, especificando o estudo qualitativo	Informar acerca da investigação e objetivos gerais Informar sobre a duração prevista para a entrevista e objetivos específicos		
	Clarificar aspetos deontológicos	Garantir a confidencialidade Informar acerca do direito à não resposta Informar acerca do direito a desistência a qualquer momento, sem que hajam quaisquer consequências		
	Abordar o consentimento informado	Questionar sobre a leitura e compreensão do consentimento informado enviado anteriormente e pedir autorização para prosseguir a entrevista		
	Recolher informação relevante do participante	Informar que as respostas ao estudo quantitativo se mantêm confidenciais, pelo que as perguntas seguintes poderão parecer repetitivas Solicitar ao participante uma breve apresentação Compreender características familiares (nº de filhos; casamento ou união de facto; 1º ou subsequentes; tempo de casamento)		
	Grupos Católicos: compreensão da	Caracterizar o grupo para casais em que	Questionar qual o grupo em que participa e há quanto tempo	“Gostaria agora de realizar algumas questões no que remete à participação num

experiência individual enquanto participante	o entrevistado participa	grupo católico para casais, começando por perguntar qual é o grupo em que participa e há quanto tempo.”
	Compreender principais características do grupo (como funciona, frequência dos encontros, entre outras)	“Em termos do grupo, quais são as suas principais características? Nomeadamente, a frequência dos encontros, a forma como estão estruturados, os conteúdos abordados, entre outras...”
	Recolher impressões gerais acerca da participação no grupo	“Quais foram os motivos que o/a levaram a integrar o grupo?” “Que importância atribui atualmente à participação neste grupo?”
	Compreender o impacto percebido da participação no grupo, a nível individual, conjugal e familiar.	“Considerando diferentes domínios da Sua vida, considera que a participação neste grupo se reflete a nível individual, conjugal e familiar?” “Se sim, de que forma(s)?”
Compreender a perceção do participante sobre os processos iniciados pelos resultados do estudo quantitativo	Compreender a perceção do participante sobre possíveis relações entre a participação conjugal	“Pensando especificamente a nível conjugal, considera que a participação nestes grupos se reflete na satisfação conjugal?” “Como?”
	Compreender a perceção do participante sobre possíveis relações entre a participação	“E terá também algum impacto na forma como, enquanto casal, estão comprometidos e

	no grupo e a generatividade conjugal.	voltados para a comunidade, por exemplo, por serem uma referência para os vossos amigos; ou desejarem criar projetos conjuntos; ou passarem determinados valores para os vossos filhos?”
	Compreender a perceção do participante sobre possíveis relações entre a participação no grupo e a projecção da família.	“Pensando agora a nível familiar, sente que estes grupos contribuem de alguma forma para (i) para um movimento de abertura aos outros e ao Mundo; (ii) e também para a forma como sabem de onde veem e para onde querem ir?”
Questionar que novas características dos grupos poderiam contribuir para uma relação significativa entre a participação no grupo e as variáveis	Questionar sobre novas características dos grupos que poderiam contribuir para níveis superiores de bem-estar individual e proximidade (intimidade e coesão) da família.	“Se lhe fosse solicitado que realizasse alguma alteração no grupo de casais com o objetivo de potenciar maiores níveis de bem-estar de cada participante, que alteração faria?” “E para que cada família se sentisse mais coesa (por exemplo, mantendo-se unida em situações de conflito) e íntima (por exemplo, através da confiança mútua e, da partilha de preocupações)?”
Compreender uma avaliação global acerca o do grupo e se recomendaria a participação no mesmo a outros	Compreender se existe algum aspeto que o participante considerasse interessante alterar, acrescentar ou retirar do funcionamento do grupo	“De uma forma geral, haveria alguma alteração que considerasse interessante fazer, algo a acrescentar ou retirar do funcionamento do grupo?”

		Questionar sobre que conteúdos abordados e/ou atividades realizadas em grupo mais tocaram ao participante e de que modo.	“De entre as atividades realizadas e conteúdos abordados, quais foram as que mais lhe tocaram e porquê?”
Finalização	Preparar o final da entrevista	Informar que foram recolhidas as informações pretendidas	
		Questionar se há algo que gostassem de acrescentar	
	Agradecer a participação do participante	Sublinhar a importância do seu contributo para a investigação	
	Referir que poderão ser informados acerca das conclusões finais da investigação	Pedir um contacto para onde possam ser enviadas as principais conclusões	
	Oferecer espaço para que sejam colocadas questões e/ou sugestões	Perguntar se existem questões e/ou sugestões	

Apêndice C. Consentimento informado para a recolha de dados qualitativos



CONSENTIMENTO INFORMADO

A presente investigação integra-se na Dissertação de Mestrado em Psicologia do Bem-Estar e Promoção da Saúde, na Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa, por Leonor Nápoles e sob orientação da Prof.^a Doutora Susana Costa Ramalho.

A investigação é composta por um estudo quantitativo, cujos dados já foram recolhidos, e um estudo qualitativo com base em entrevistas individuais, para o qual é solicitada, mais uma vez, a sua colaboração. Como principal objetivo procura-se compreender e aprofundar as diferentes experiências familiares dos casais portugueses, bem como explorar a perceção relativa ao funcionamento de grupos católicos para casais.

O seu contributo será bastante valorizado, consistindo na participação numa entrevista, que tem uma duração estimada de cerca de 20 minutos. Não se preveem quaisquer riscos, inconvenientes ou danos associados à participação neste estudo. Ainda que possa não beneficiar diretamente com a sua participação, a mesmo contribuirá para o desenvolvimento da ciência no nosso país, nomeadamente no âmbito da psicologia da família. Não existe um benefício monetário associado.

É garantido o total anonimato e confidencialidade dos dados recolhidos.

A participação é voluntária e a decisão de não participar não tem qualquer consequência, podendo desistir a qualquer momento, se assim o desejar.

Com o intuito de facilitar a gestão e de não sobrecarregar, propomos que as entrevistas sejam realizadas à distância, via *zoom*. Ao aceitar participar, está também a consentir a gravação de áudio e vídeo da entrevista, facilitando assim a transcrição dos conteúdos verbais para posterior análise. Todas as gravações serão destruídas após transcrição das mesmas.

Para esclarecer eventuais dúvidas e/ou obter informações sobre a investigação, por favor entre em contacto com a aluna através do seguinte endereço de email: leonor.n99@gmail.com.

Consentimento

Eu, _____, declaro ter tomado conhecimento dos objetivos e procedimentos do estudo acima referido, no qual aceito livremente participar.

(Assinatura) _____,

(Data) ____ de _____ de 2022.

Apêndice D. Árvore Categorial Final

Nome da categoria/subcategoria	Nº de participantes
Benefícios percebidos	10
Motivos de integração	10
Necessidade	8
Exemplo dos pais	3
Desafio/convite	3
Desenvolvimento e crescimento	10
Conjugal	10
Intimidade e cuidado conjugal	9
Semelhanças conjugais	6
Espiritualidade conjugal	5
Sintonia conjugal	4
Conflitos	4
Pessoal	6
Avaliação constante e proativa	6
Espiritualidade individual	6
Tempo de paragem	4
Bem-estar	3
Profissional	5
Familiar	3
Generatividade	10
Virados para fora	10
Participação noutras atividades	9
Impacto da participação nos filhos	9

Exemplo que se dá e que se recebe	7
Dificuldades	9
Logística entre trabalho, família e participação no grupo	6
Organização do grupo	3
Sugestões	10
Maior bem-estar individual	8
Maior intimidade e coesão familiar	8
Momentos em família e entre famílias	5
Adaptação do conteúdo	3
